

SindUTE
Sindicato Único dos Trabalhadores
em Educação de Minas Gerais
Trabalha, luta e aprende

*30 anos
de luta!*



CORREIOS

Fechado - pode ser aberto pela ECT

CORREIOS

ESPECIAL Radiografia da educação mineira

Fevereiro de 2009





EXPEDIENTE

Sind-UTE/MG: Coordenadora Geral: Maria Inêz Camargos • Departamento Administrativo-Financeiro: Antônio Carlos Hilário e Marcília Teixeira Saraiva • Departamento de Comunicação: Antônio Braz Rodrigues, Janete Soares Ferreira e Marcelo Mota Santos Sebas • Departamento de Formação: José Celestino Lourenço e Ulian Paragual • Departamento de Políticas Sociais: Alvaro Custódio de Souza, Florimundo Mello e Geraldo Miguel de Souza • Departamento Jurídico: Jonas William Pereira da Costa • Departamento de Organização: Beatriz da Silva Cerqueira, Lourdes Aparecida J. Vasconcelos, Marco Roberto Severino e Renata Aparecida Gonçalves de O. Alves • Diretoria Regional: Wagner Ribeiro, Mary Suelly Santos Pinheiro, Lázaro Humberto do Nascimento, Rosimar do Prado Carvalho, Marize Cordeiro de Andrade Xavier, Wesley Soares Merencio, André Luis de Almeida, José Benjamim Carvalho Ferraz, Rossana Schiavine Vargas, Fabrício Andrey Mascarenhas Fraga, Marilda de Abreu Araújo, Luzielson Nunes Silva, Maria Inêz Camargos, Feliciano Alves do Vale Saldanha, Maria Inêz Alves Gouveia, Helber Fernandes Borges de Campos, Valdivina Rodrigues da Silva Oliveira, Honorival Alves Maciel, Lenice Nunes Ribeiro, Maria Auxiliadora Mendes de Godoy, Lucia Heleno Melino, Tani Hot Rodrigues, José Gomes Filho, Sandra Lucia Couto Bittencourt, Maria Alba de Oliveira Lima, Nubia Aparecida Machado Andre, Sheila Maria Lucas, Luis Carlos Silva da Cunha, Maria Nazaré dos Santos, Ciro José de Abreu, Zélia de Oliveira Silva, Zuleica Evangelista Andrade, Sônia Regina Montes Teles, Edna Maria de Carvalho José Euripedes Lopes e Maria da Conceição Palva

Coordenação do projeto: diretoria estadual do Sind-UTE/MG - Gestão 2006-2008

Pesquisa e reportagem: Daniela Arbex (E-mail: darbex@tribunademinas.com.br) • Projeto gráfico e diagramação: Lena Sperandio

Sistema de ensino é marcado por contrastes

DANIELA ARBEX

REPORTAGEM ESPECIAL

EDITORIAL

Um novo olhar sobre a Educação em Minas

Ao celebrar 30 anos de luta, o Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação de Minas Gerais (Sind-UTE/MG) escreve um novo capítulo em sua história. Melhor dizendo: lança, por meio de um projeto ousado, essa publicação especial.

A convite do Sind-UTE/MG, a jornalista Daniela Arbex, percorreu três regiões do Estado, além da capital. Visitou dezenas de escolas públicas estaduais, viu, ouviu e relata, ao longo dessa edição, a realidade da educação em Minas Gerais como ela se apresenta. Portanto, *Radiografia da Educação em Minas Gerais* é uma revista histórica, que se propõe a contar, à luz de um outro olhar atento, o que há muito o Sind-UTE/MG vem denunciando.

O que se percebe, ao mergulhar nessa leitura, é que o cenário da educação no Estado nunca foi tão perverso como se encontra hoje. O descaso público do governo Aécio relega o segmento a patamares inimagináveis. De Norte a Sul, o que se vê são escolas públicas estaduais em situação lastimável, enfrentando dificuldades de toda sorte, em condições degradantes. Por outro lado, aos olhos da mídia, sob vultosas contas publicitárias, o governo alardeia "verdades duvidosas". Puro marketing! Minas, infelizmente, não caminha pra frente, sem deixar ninguém pra trás.

Violência, falta de infraestrutura e de investimento nos profissionais da educação, inexistência de políticas públicas, desvalorização do serviço público, exclusão, esquecimento e descaso são cenas que o leitor confere ao longo dessa edição. Assim comprovará que, de fato, em Minas não se respira liberdade.

Em contraponto a tudo isso, os educadores tentam, a todo custo, fazer de seu ambiente de trabalho espaço de cidadania e de seus alunos verdadeiros cidadãos capazes de construir ou até mesmo reconstruir o meio em que vivem. Nesse sentido, o Sind-UTE/MG busca dialogar, ainda que sem sucesso, com o governo do Estado e mostrar a Educação que queremos. Uma Educação que não priorize apenas uma minoria de escolas, criando verdadeiras ilhas de excelência, enquanto relega ao mais completo abandono quase três mil escolas do estado.

Estamos certos de que podemos contribuir para que Educação no Estado seja digna. Para isso, o Governo deve aprender a ouvir, a ver e a deixar que outras pessoas enxerguem a realidade como ela é. Faz-se necessário também respeitar o movimento sindical, não reprimir sua voz, dialogar com as entidades representativas dos(as) trabalhadores(as), cumprir acordos, honrar compromissos. Ainda virá o tempo em que tudo isso será real. Afinal, a gente nunca desiste!

Ao agradecer a todos que direta e indiretamente ajudaram o Sind-UTE/MG a escrever a história da Educação Pública em Minas, ao longo dessas três décadas, uma pausa. Um minuto de silêncio, para homenagear duas abnegadas companheiras de luta que nos deixaram: as diretoras Maria Aparecida de Andrade Pádua/Sedese-BH e Valdivina Rodrigues S. Oliveira/Ituiutaba, cujas trajetórias serão sempre lições de vida para todos nós.

Diretoria Estadual

"Chegamos", disse o motorista ao estacionar em frente ao endereço indicado. O que se vê da janela do carro impressiona. Mato alto, muros pichados e depredação. Do lado de fora é difícil perceber o que existe por trás do portão gradeado. Quando a entrada é liberada outra surpresa: trancas nas janelas, portas destruídas, vidros quebrados e um imenso galpão abandonado com mobiliário enferrujado. Essa é a visão que os cerca de 1.800 alunos têm ao chegar todos os dias à Escola Estadual Professora Maria Amélia Guimarães, localizada na região nordeste de Belo Horizonte, cidade com o maior Índice de Desenvolvimento Humano entre os 853 municípios mineiros. Encravado em uma área de vulnerabilidade, em função da violência urbana e do poder paralelo exercido pelo tráfico de drogas, o colégio do Bairro Pirajá exibe apenas um dos cenários da educação em Minas, estado onde o sistema público de ensino é marcado por profundos contrastes.

Após dez dias de viagem e mais de quatro mil quilômetros percorridos entre as regiões Norte, Centro-Oeste e Sul, além da capital mineira, foi possível fazer uma radiografia sobre a segunda maior rede de ensino básico do país. O diagnóstico, traçado a partir de dados obtidos no coração das escolas, é revelador. Enquanto no Norte de Minas há salas de aula sem paredes, improvisadas em pátios de recreio e anexa à cantina, no Centro-Oeste instituições que compõem a mesma rede de ensino exibem paredes azulejadas e até sala de cinema. E as diferenças não param aí. Naquela região, estudantes que participam de projetos, como o da escola em tempo integral, alcançaram o direito de estudar em espaços mais bonitos e iluminados e de receber merenda diferenciada em relação a outros da mesma escola. Já no Sul de Minas, adolescentes do ensino médio assistem aulas em construção nova e arejada e outros, do ensino fundamental, estudam dentro de galpão batizado de "paiol" pelos próprios alunos. Embora a maioria das 15 escolas visitadas esteja sendo reformada, as intervenções são pequenas diante das necessidades encontradas.

Para o Doutor em Sociologia e pró-reitor de graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Eduardo Magrone, as diferenças impressionam. "É surpreendente pensarmos que estamos falando do estado com o segundo maior PIB do país e que tem um sistema educacional bem situado em relação ao acesso educacional e desempenho dos alunos. Porém, longe das estatísticas educacionais e dos grandes números, a radiografia da educação mineira parece remeter às regiões mais pobres do Brasil", analisa. Já o psicopedagogo Celso Antunes, autor de 180 livros didáticos, acredita que não se pode estabelecer um mapa da qualidade somente pelas condições materiais das escolas. "As condições materiais afetam de maneira muito significativa, mas os fatores determinantes no processo de aprendizagem dos estudantes são gestão escolar, capacitação dos professores, permanência do aluno e envolvimento familiar."

A falta de infraestrutura adequada, no entanto, é apenas a parte mais visível dos desafios enfrentados por uma rede composta por 2,6 milhões de alunos matriculados em quase quatro mil colégios do estado. Na prática, a realidade encontrada por trás dos muros escolares pode colocar em xeque a eficácia da política educacional. Miguel Arroyo, professor emérito da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), alerta que a reprodução das desigualdades dentro das próprias escolas descaracteriza o significado de público. "A escola pública não é pública, porque não é igual para todos."

Região Norte



FOTOS: EDNA IÉVENES



VIOLAÇÃO DA DIGNIDADE: em banheiros precários descarga só pode ser acionada por auxiliar de limpeza no final de cada turno



Escola do Norte de Minas sobrevive com **R\$0,11 por aluno** ao dia

Com um dos piores indicadores sociais do estado, o Norte de Minas exibe distribuição desigual em relação ao repasse de recursos para as escolas. No município de Capitão Enéas, localizado a 471 quilômetros de Belo Horizonte, apenas 1,6% da população é beneficiada com rede de esgoto e 37% dos 14.862 habitantes são crianças e adolescentes, conforme último registro do Caderno de Informações do Ministério da Saúde. Apesar das carências da cidade, uma de suas instituições de ensino, a Escola Estadual Norte Mineira, sobrevive com apenas R\$ 0,11 por aluno ao dia. A verba de manutenção é de R\$ 27.126 ao ano, 16 vezes menor do que os valores encaminhados, entre 2006 e 2007, à Escola Estadual Clóvis Salgado, em Montes Claros, uma das 223 escolas referência do estado.

No total, 652 alunos estudam na Norte Mineira, colégio com infraestrutura precária e que funciona em prédio cedido pelo município. Apesar do sol inclemente na região, onde as temperaturas ultrapassam os 40 graus, as seis salas de aula não possuem ventilação adequada. Para tentar amenizar o calor, um ventilador foi instalado em cada turma, mas a maioria não funciona, o que exige dos filhos de lavradores, de funcionários públicos e de operários da indústria local esforço subumano para acompanhar as aulas circunscritas ao quadro. O telhado de amianto agrava os problemas com o aquecimento, mas as adaptações continuam fazendo parte da rotina de uma escola na qual a frequência de alunos é ameaçada pelo trabalho precoce e pela gravidez na adolescência.

A fiação antiga, infiltrações e goteiras nos

telhados também estão visíveis no colégio, mas é nos banheiros que a precariedade viola a dignidade. Tanto no sanitário feminino quanto no masculino não há papel, nem sabonete. Já as descargas dos vasos contam com mecanismo que só permite o acionamento pela auxiliar de limpeza no final de cada turno, impondo condição humilhante para quem precisa usar o banheiro. A justificativa para esta situação está na necessidade de preservar o patrimônio da escola, impedindo a destruição das descargas e o entupimento dos vasos. No entanto, ao poupar as louças e evitar gastos com encanamento, o patrimônio humano do colégio acaba sendo lesado. "A escola pensa que a única função dela é ensinar a ler, mas também é educar comportamentos e conduta. É grave as que perdem sua dimensão educadora", considera Miguel Arroyo.

Apesar do sol inclemente da região, cujas temperaturas ultrapassam 40 graus, salas de aula não contam com ventilação adequada

"É preciso oferecer o mínimo. Privar os alunos disso é privá-los de aprender"

Celso Antunes, psicopedagogo

Sem espaço, sala de aula funciona no pátio

EDNA IÉVENES



IMPROVISO:
alunos do
noturno
estudam em
área aberta

Sem espaço, a Norte Mineira não possui quadra própria de esportes e mantém uma sala de aula improvisada num salão multiuso destinado ao refeitório, recreio, eventos e até ao depósito de carteiras que deveriam ser usadas em duas novas salas, construção que não foi autorizada pela prefeitura. Na "sala do pátio", que não conta com paredes, nem privacidade, estudam os alunos do terceiro ano do ensino médio do período noturno. A principal ligação deles com a escola é a merenda, que passou a ser fornecida pelo Estado para 201 mil alunos da rede estadual de Belo Horizonte, região metropolitana e a região do semi-árido, que inclui o Norte de Minas, Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

Ao todo, a escola de Capitão Enéas conta com R\$ 0,06 por estudante ao dia para a merenda. Além dos 652 alunos, outros 220 que ocupam seis salas da zona rural também

recebem alimentação. Eles estudavam em salas anexas à escola e, apesar de ter havido recente desmembramento, a verba continuou integrada ao colégio. Para tentar equacionar uma conta que não fecha, o diretor da escola, Dimas Elpídio Nunes, 43 anos, decidiu alternar os dias em que a merenda é distribuída para os alunos do ensino médio no turno diurno. Como o projeto do governo estabelece que os recursos para a merenda no ensino médio sejam destinados somente para os alunos do noturno, Dimas reparte o pouco que tem para fazer com que os adolescentes da manhã também sejam atendidos, já que a carência não é exceção na escola.

Alguns estudantes, como Maria Elenice Alves de Souza, 17 anos, matriculada no terceiro ano do ensino médio da manhã, moram em fazendas que ficam a sete quilômetros do asfalto e andam 60 minutos a pé para chegar até

o ponto de ônibus. Quando Maria Elenice desembarca na Norte Mineira, às 7h, uma hora e meia depois de ter saído de casa, a distribuição da merenda escolar faz a diferença. "A conta da falta de qualidade na educação recai sobre o professor. Mas como fazer um aluno mal alimentado avançar? O mau resultado está associado a um conjunto de fatores que extrapolam o universo escolar", considera Dimas.

Diante das dificuldades, o vice-diretor Valdeir Rocha da Silva, 33 anos, angustia-se. "A nossa realidade está muito distante das propagandas. Há muitos anos, a gente convive com isso. Assumimos a direção achando que íamos conseguir transformar a escola, mas é muito difícil, porque esbarramos em limites financeiros e físicos", afirma. Segundo Valdeir, o Estado teria prometido construir um novo prédio para a escola, mas o município teria que doar o terreno.

Sem infraestrutura, trabalho docente fica prejudicado

Para a professora de português do ensino médio da Escola Estadual Norte Mineira, Maria do Carmo de Queiroz, a falta de infraestrutura dificulta o trabalho docente e prejudica o processo pedagógico. Lucas Rafael Ferreira, 18 anos, aluno do terceiro ano do ensino médio diurno, lamenta a atual condição do colégio que, em matéria de atrativos, recebeu nota baixa dos estudantes na pesquisa aplicada pela equipe de reportagem junto às escolas de três regiões do Estado. Na turma de Lucas, dos 30 meninos e meninas que responderam ao questionário, 20 deram a Norte Mineira pontuação inferior a 5, numa escala de zero a dez, e oito adolescentes indicaram a nota zero. "Falta tudo aqui. Uma biblioteca de verdade, uma quadra nossa, pois a que usamos é emprestada pelo município, uma sala de aula que não chova dentro e uma reforma de verdade, já que a última foi feita com o dinheiro de gincana e o apoio dos alunos através de mutirão. Queria uma escola atraente, que chamasse a gente para vir estudar e que fosse bonita desde o portão", afirmou Lucas.

Um colega da mesma turma do jovem acredita que, para melhorar a escola, seria necessário "torná-la modelo, como as outras escolas de Minas Gerais: arrumada, sem janelas quebradas, com salas confortáveis." (sic) Outra aluna, descreveu seu sonho: "Sonho que um dia a minha escola seja renovada. Saio daqui, em 2008, formada. Mas tenho irmãos e amigos que vão passar por ela. Gostaria que eles não se sentissem incomodados de estudar na escola como eu, às vezes, me sinto, mas, sim, com a satisfação de dizer: eu vou à escola, porque gosto dela."

O psicopedagogo Celso Antunes afirma que a falta de orgulho de crianças e adolescentes pelo espaço que frequentam faz com que eles percam o interesse em estar na escola. "É preciso oferecer o mínimo. Privar os alunos disso é privá-los de aprender." Miguel Arroyo concorda. "Para que haja aprendizagem não é suficiente ter boas cartilhas e bons métodos, é necessário ter ambiente físico. A escola tem que ser bonita, alegre, convidativa, humana. Não se pode esquecer que ela não ensina só as letras, mas educa o gosto, a estética e a sensibilidade. Essa dimensão também é importante para o ser humano."



SEM USO: micros de última geração, como os da Escola Antônio da Costa Pereira, ficam trancados

De Norte a Sul, computadores ainda são figurantes no cenário escolar

A preservação do patrimônio escolar também é a justificativa para restringir o acesso de alunos às salas de informática e mantê-las trancadas com cadeado mesmo durante o funcionamento dos turnos escolares. Na Escola Estadual Norte Mineira, em Capitão Enéas, região Norte, um bilhete colado na porta do laboratório avisa que, por "determinação da Superintendência Regional de Ensino, e devido à grande incidência de roubos no laboratório de informática, além da falta de funcionário exclusivo para manter o atendimento diário em todos os turnos, a escola está autorizada a permitir o acesso dos alunos somente com o acompanhamento dos professores com atividades planejadas para serem desenvolvidas na sala de informática."

Na prática, o local, que antes já havia funcionado como sala de aula, biblioteca e até almoxarifado, é subutilizado. Durante a visita da equipe de reportagem, dos 17 computadores disponíveis, sete estavam desligados à espera de técnicos para instalação. "O laboratório existe, mas o espaço é improvisado. Além disso, muitos professores não estão capacitados para dar aula. Também não contamos com funcionário específico para trabalhar aqui, por

isso, os alunos não têm sequer como fazer pesquisa. Até tentamos voluntários, mas não deu certo. Na prática, é tudo virtual", revela o vice-diretor Valdeir Rocha da Silva.

A restrição ao uso dos computadores não é uma realidade apenas da Norte Mineira, mas da maioria das instituições percorridas, impactando diretamente o interesse do aluno. O fato é que micros de última geração já chegaram aos colégios do estado, porém, ainda são figurantes no cenário escolar. A insatisfação dos alunos em relação a essa distorção foi manifestada no questionário aplicado pela equipe de reportagem junto a 117 estudantes do ensino fundamental e médio em três regiões do estado. As respostas de crianças e adolescentes para perguntas sobre o que falta na escola e as sugestões para torná-la melhor confirmam que a existência do laboratório de computação ainda não é sinônimo de acesso.

"A escola seria mais interessante se pudessemos mexer nos computadores", respondeu um aluno da oitava série da Escola Estadual Antônio da Costa Pereira, em Divinópolis, região Centro-Oeste, onde 18 computadores nunca foram usados. Outros dez novos, que contam com tela de LCD, também são pouco usados.

**"É muito fácil colocar computadores nas escolas,
chamando isso de inclusão digital"**

Marco Silva, autor do livro Sala de Aula Interativa

Muitas máquinas ainda estão nas caixas

Na mesma cidade, a Escola Estadual Dona Diva de Oliveira mantém os computadores na sala dos professores por falta de espaço, sendo que muitos deles ainda estão nas caixas. Aos 14 anos, o estudante do colégio, Talisson Augusto Ribeiro da Silva, admite que não sabe nem ligar um computador. "Nunca mexi em um e nem sei como funciona a internet."

No Sul de Minas, alunos da oitava série do ensino fundamental da Escola Estadual Rui Barbosa, em Campestre, reclamam: "Os alunos de quinta a oitava não podem utilizar os computadores da escola. Eles estão lá, mas só de enfeite."

O problema foi citado por todos os 30 meninos e meninas que cursam o terceiro ano

do ensino médio diurno na escola de Capitão Enéas. Para eles, a instituição de ensino seria mais interessante se garantisse o uso pedagógico dos computadores e o acesso à internet. Nesta turma, apenas sete estudantes têm a chance de ter um computador em casa, indicando que a escola é realmente o lugar privilegiado para o contato com essa tecnologia.

EDNA IÉVENES



TUMULTO:
Escola Dona Diva de Oliveira mantém computadores na sala dos professores

Falta de acesso aos micros leva à exclusão social

Autor do livro Sala de Aula Interativa, o professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e sociólogo Marco Silva afirma que privar o aluno de usufruir dos benefícios didáticos dos computadores é impor a eles não apenas a exclusão digital, mas, sobretudo, a exclusão social. "É muito fácil colocar computadores nas escolas, chamando isso de inclusão digital. No entanto, é uma covardia enviar micros de última geração para elas sem formar o professor. Essa formação é fundamental para que ele repense profundamente a sua prática e tome a informática como algo transversal a todos os conteúdos escolares. Caso contrário,

o computador continuará a ser uma ilha e o laboratório uma embromação."

Segundo Silva, é necessário mudar o paradigma em relação ao uso pedagógico da informática, já que os computadores ajudam a potencializar o trabalho do professor. O sociólogo admite que a contratação de um técnico pode ser necessária para a preservação das máquinas e assistência especializada, no entanto, diz que ele não substitui a presença do docente. "O técnico não faz o que o professor faz, que é a mediação da aprendizagem. Ele não é docente e não entende de Paulo Freire", considera.

Silva acrescenta que a falta de visão do computador como uma ferramenta pedagógica é um problema nacional, porque as próprias faculdades de educação não investem na formação tecnológica do professor. "Na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), por exemplo, uma das maiores da América Latina, não há laboratório de informática para o aluno da licenciatura. Continuamos muito atrasados, porque os promotores das políticas públicas não têm essa consciência, ainda veem o computador como uma máquina de escrever melhorada. Para mudar, é preciso atuar na base, a fim de que haja um despertar da montanha", conclui.

FOTOS: EDNA IÉVENES



FAZ DE CONTA: árvores da rua são usadas para prender rede de vôlei na Escola Estadual Joaquim Marcelino da Concelção (acima); à direita, diretora Luiza de Souza em sala que será reformada. "Entra, vem conhecer meu oásis", brinca



Em Porteirinha, **falta de quadra** leva aulas de educação física para a rua

Em Porteirinha, município do Norte de Minas que ocupa uma das piores posições do estado em relação ao Índice de Desenvolvimento Humano, 784º lugar segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano, os 325 alunos da Escola Estadual Joaquim Marcelino da Concelção fazem educação física na rua. Localizado à beira da MG-122, rodovia que liga Montes Claros a Espinosa, o prédio da instituição de ensino chama a atenção pela penúria. Três das sete salas de aula têm paredes sem reboco e o único banheiro em funcionamento não possui rede de esgoto, mas fossa séptica. A cantina funciona em espaço mínimo, dificultando até a movimentação das funcionárias. Ainda assim, a comunidade escolar comemora os avanços, já que a situação era considerada ainda pior. Quando o colégio foi estadualizado, conforme informação dos professores, a entrada da escola era voltada para a estrada, colocando em risco a vida dos alunos. Com a reforma que está sendo realizada, cuja verba destinada foi de R\$ 125 mil, o prédio ganhará duas novas salas, um muro, um laboratório de

informática e uma biblioteca.

No entanto, a instituição continuará com escassez de funcionários, sem quadra de esportes, mobiliário e espaço adequados para vencer a acirrada disputa com o corte da cana, atividade que rouba a infância e adolescência dos meninos de Porteirinha. O fato é que a escola já perdeu muitos alunos para o trabalho precoce no Interior de São Paulo e no Sul de Minas. Alguns estudantes evadidos retornaram para o município após sofrerem acidentes nos canaviais e serem aposentados por invalidez.

A realidade, porém, não conseguiu minar a dedicação da equipe ao ensino. No dia da visita ao prédio, agendada pouco tempo antes, a diretora e a supervisora estavam na escola onde o esforço individual movimentava o processo educacional. Com menos de R\$ 8 mil ao ano para manutenção, cerca de R\$ 0,06 por aluno ao dia, o Improvável é uma necessidade. "Entra", convida a diretora Luiza Maria de Souza, 43 anos. "Vem conhecer meu oásis", brinca ao mostrar a sala em ruínas, que passará por reforma. É nesse cubículo mal iluminado que ela

lista as prioridades da escola cercada por lama. A falta de condições de trabalho, no entanto, não a impede de cumprir o dever de casa, porque acredita que, "se o gestor parar, a escola também para."

Fábio Alves Carvalho, 26 anos, professor de educação física recém-formado, aprendeu que a expressão "arregaçar as mangas" não é recurso de linguagem. Sem espaço para suas aulas, ele realiza as atividades com os alunos numa quadra de esportes imaginária, mas diz não se incomodar. "A gente adapta as atividades ao espaço que tem. Uso a criatividade, dou aula na rua e aproveito a distância entre as árvores para armar a rede de vôlei. Também trago material da academia onde trabalho e ainda ministro aulas teóricas, fundamentais para a formação. O professor não faz a diferença, ele é a diferença e precisa gerar motivação. Embora a realidade dos alunos seja o corte de cana, a gente mostra para eles outras possibilidades. Acho que não dá para ficar esperando melhores condições. Ao invés de procurar culpados para esse quadro, é preciso fazer a coisa acontecer."

Pais ausentes são convocados pelo rádio

É em meio a esse cenário que a supervisora Lucin Odeth Vieira Santos, 35 anos, lista o número de pais que não compareceram à escola nem uma vez em 2008. Os nomes somam 27 e serão anunciados na rádio do município com uma chamada de comparecimento. "Como a economia é movida pelo corte de cana, muitos pais viajam e não voltam, tornando a maioria das mulheres viúva de marido vivo. Sem apoio, muitas mães não conseguem impor limite aos filhos. Ainda assim, a gente tenta fazer os estudantes sonharem, mas a perspectiva deles é limitada. Boa parte deseja apenas ter idade para ir trabalhar no corte da cana."

Edilson Borges Pinto, 36 anos, também sonhava com o dinheiro imediato que a cana lhe traria. Quando tinha 13 anos, o estudante da quinta série do ensino fundamental deixou a Escola Joaquim Marcelino da Conceição para trabalhar no canavial em Ribeirão Preto (SP). Quinze anos depois, retornou a Porteirinha após acidente que lesou seu joelho e o levou a ser descartado pela empresa que o contratara sem carteira assinada. "Eles nos tiram da escola, usam nossa força de trabalho e, quando a perdemos, jogam a gente fora. Hoje percebo que por mais precária seja a educação, ela é uma porta aberta", afirma Edilson, que ocupa um lugar na oitava série do ensino fundamental. Estimulados pelo exemplo de Edilson, os pais dele, Manoel Borges Pinto e Dalva Maria Borges, sentaram-se pela primeira vez num banco escolar. Aos 60 anos de idade e com a vista cansada, eles começam a enxergar o significado das letras.

No município com inúmeros Edílsons, porém, a infraestrutura da escola pode ter um peso importante na trajetória dos alunos. Resultado do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb 2007) revela que a escola ficou bem abaixo da média do estado, que foi de 4,7 pontos nas séries iniciais do ensino fundamental e 4,0 nos anos finais. Numa escala de zero a dez, a Escola Joaquim Marcelino da Conceição obteve 4,1 pontos nos anos iniciais e 3,2 pontos nos finais. O indicador é calculado a partir de dados sobre a taxa de rendimento escolar (aprovação), obtidos no censo escolar, e as médias de desempenho em exames aplicados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.

Miguel Arroyo, professor emérito da Faculdade de Educação da UFMG, questiona: "Temos escolas pobres em comunidades pobres? Essa é uma das formas de reproduzir a desigualdade." O consultor em políticas públicas Rudá Ricci concorda. "Quanto mais distante a escola é de um centro cultural, mais equipada ela tem que ser."



FOTOS: EDNA IÉVENES



PRECARIEDADE:
o único banheiro
em funcionamento
não possui esgoto,
mas fossa séptica.
(acima) Além disso,
cantina não tem
espaço sequer
para funcionárias
(abaixo)



Padronização de **estrutura física** ignora características regionais

A padronização da estrutura física das escolas do estado é vista com reservas por especialistas. Segundo Rudá Ricci, a construção padronizada não respeita as características regionais e, como consequência, lesa a formação da identidade individual e social. "Quando se massifica, compromete-se a autoimagem e o sentimento de pertencimento daquele lugar, limitando a capacidade de construção e iniciativa das pessoas. Com isso, aumenta-se a apatia social", explica. Por analogia, o pró-reitor de graduação da UFJF, Eduardo Magrone, afirma que a falta de identificação com a escola também prejudica o trabalho do professor. "A ausência de identificação com a escola não proporciona condições de o docente assumir compromissos com ela. Nas redes municipal e estadual isso é típico. O professor nunca cita o nome do colégio em que trabalha, diz apenas que dá aulas para o estado ou prefeitura. Isso não acontece com aqueles que lecionam na rede particular", observa.

A falta de sentimento de pertencimento ultrapassa os muros escolares e pode atingir uma comunidade inteira. Na Vila Mauriceia, uma das áreas mais carentes de Montes

Claros, região Norte de Minas, moradora da favela vizinha à Escola Estadual Secundino Tavares não soube dizer o nome do governador de Minas e teve dificuldades para lembrar quem é o presidente do país. "Estou nervosa. Acho que é um tal de Lula", disse, hesitante, a dona-de-casa Rosa Maria da Silva, 51 anos. Analfabeta, ela sobrevive com R\$ 92 de bolsa família, programa do Governo federal adotado pelo chefe de estado que Rosa só conhece de ouvir falar.

Um de seus sete filhos, Jéssica Fernanda Silva Gomes, 16 anos, é aluna da oitava série do ensino fundamental na Secundino Tavares, instituição com 480 estudantes, mas também não se identifica com a escola, localizada a poucos metros da área de invasão onde mora. "Não gosto de lá. Não tem quadra, e eu não sei nem mexer nos computadores. Também tenho dificuldade em aprender. Gostaria que explicassem mais as matérias." A mãe, que não sabe em que série a filha está, diz que Jéssica tem vergonha de estudar "porque não tem roupas, nem chinelo direito para usar."

Amanda Clara Santos Ferreira, 9 anos, também vive na Vila Mauriceia. Ela integra a segunda série do ensino fundamental na

Secundino. Filha de pais desempregados, a menina ainda não sabe ler e pede dinheiro nas ruas para comprar comida. "Às vezes, me sinto um pouco fraca e minha barriga dói. A merenda da escola me ajuda", afirma a garota que tem três irmãos e um quarto "na barriga da mãe", como diz.

Esse é o perfil dos alunos matriculados na Escola Estadual Secundino Tavares, localizada no Jardim Panorama, ao lado da Vila Mauriceia, lugar onde a certidão de nascimento da maioria das crianças não tem o nome do pai. Diferente de outras escolas, lá há espaço de sobra, mas pouquíssimo recurso para expandir. Dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) revelam que o repasse encaminhado para a instituição de ensino, entre 2006 e 2007, foi de R\$ 5 mil para manutenção, 88 vezes menos do que os valores encaminhados para a Escola Estadual Clóvis Salgado, na mesma cidade, cuja verba foi de R\$ 440.955. O investimento fez a diferença no Ideb. Enquanto a Secundino ficou com apenas 3,5 pontos nos anos iniciais e somente 2,9 nos anos finais, a Clóvis Salgado atingiu 4,9 pontos nos anos iniciais e 4,0 nos finais.



EDNA IÉVENES

**VILA
MAURICEIA:**
carência de
alunos afeta
rendimento na
escola

"A escola dos meus sonhos é aquela capaz de atender aos alunos nas suas necessidades. É preciso criar condições, a fim de que o aluno aprenda"

Solange Meireles Ruas, vice-diretora da Escola Estadual Secundino Tavares

FOTOS: EDNA IÉVENES



POUCA VERBA: sem recursos, colégio Secundino Tavares não é atrativo

Professores não têm lugar dentro da escola

Na Secundino Tavares, apesar de as paredes serem pintadas de verde e branco, a escola parece cinzenta. "Não há recursos para que o colégio seja atrativo. Recebemos a mesma verba de escolas do Centro, à qual os alunos já chegam bem alimentados e, ainda, trazem lanche de casa. Aqui, no entanto, muitos vêm apenas para comer. Além disso, precisamos oferecer todo o material, enquanto outras escolas têm condição de comprar material pedagógico para tornar a escola mais atrativa. Não temos o básico e nem sequer uma quadra. Perguntamos o porquê, se estamos exatamente numa comunidade que não tem nada", desabafa a diretora Sheila de Fátima Souza Miranda, 54 anos.

Ela revela que a escola precisa de reformas e garante que já encaminhou para a Superintendência Regional de Ensino planilhas para a melhoria do espaço, porém, diz que o colégio não foi atendido. Assim como as outras escolas, o improvisado transformou a sala dos professores em laboratório de Informática, cujo número de máquinas, oito no total, é incapaz de atender a demanda. Sem espaço próprio, os docentes foram deslocados para a biblioteca e agora ocupam a sala de reforço. "Eles também não têm lugar dentro da escola. Sonhamos muito, mas não temos condição de fazer o que gostaríamos. Isso me faz sofrer. Queria ter uma sala de brinquedos pedagógi-

cos e uma biblioteca mais equipada, capaz de transformar o colégio num espaço de leitura. A escola dos meus sonhos é aquela capaz de atender aos alunos nas suas necessidades. Para isso, é preciso criar condições, a fim de que o aluno aprenda. É necessário rever a política educacional", completa a vice-diretora Solange Meireles Ruas, 50 anos.

Em sua página na internet, a Secretaria de Estado de Educação afirma ter investido mais de R\$ 800 milhões do Tesouro do Estado em obras de reforma e ampliação em mais de 3.000 escolas estaduais, desde 2003, sendo R\$ 166 milhões na construção de 172 novos prédios escolares.

FOTOS: EDNA IÉVENES



ACONCHEGO: Escola Estadual Dom João Pimenta encontrou o caminho do interesse do estudante

**Muitas vezes, para educar a criança,
é preciso educar os pais primeiro"**

Léa de Fátima Lopes, diretora

Gestão escolar interfere no desempenho de alunos

O colégio dos sonhos de Lucas Rafael Ferreira, o estudante do município de Capitão Enéas, existe e está localizado no Centro de Montes Claros, cidade com 358.271 mil habitantes. Bonita desde o portão, a Escola Estadual Dom João Pimenta, que atende 800 meninos e meninas dos anos iniciais do ensino fundamental, parece ter encontrado o caminho do interesse do aluno. Já na entrada do prédio, a sensação é de acolhimento. As cores nas paredes e fotos de projetos espalhados por toda instituição, entre eles os saraus e o cinema comentado, sinalizam para a escola humana que o educador Miguel Arroyo defende. O zelo com o espaço da escola é um sinal de que as pessoas

daquele ambiente gostam do lugar onde os conteúdos extracurriculares passaram a fazer parte das aulas, tornando o ensino uma descoberta. Para alcançar o estudante, no entanto, foi preciso, primeiro, conhecer os pontos positivos e negativos da escola e partir para o planejamento. Também foi necessário aprender a ouvir uns aos outros, para que as ideias de todos pudessem ser compartilhadas.

"A cada semana, temos um momento em que a escola para com a finalidade de ouvir os professores, avaliar o que deu certo e redirecionar a semana seguinte", explica a diretora Léa de Fátima Lopes, que conta com apenas R\$ 0,19 por aluno ao dia para manter a escola. A exiguidade de recurso, no entan-

to, é superada pela participação, condição que não exclui as famílias. Ao invés de os pais serem chamados somente quando os filhos apresentam problemas de disciplina, o que os afasta ainda mais da escola, eles são estimulados a acompanhar o dia-a-dia do colégio e a se comprometer com ele. Muitos tomaram gosto pela coisa e passaram a cooperar com a rotina escolar, ajudando no teatro, em eventos e contagiando os outros. "Trabalhamos na conscientização de cada um com o objetivo de mostrar que a presença deles é importante, já que a educação não é unilateral. Muitas vezes, para educar a criança, é preciso educar os pais primeiro", afirma Léa.



EDNA IÉVENES

PARTICIPAÇÃO:
mães
acompanham
"prefeita e
vice-prefeita"
da escola
eleitas
em outubro
de 2008

Aprendizagem coletiva

E no Dom João todos levam a sério o processo de aprendizagem coletiva. Durante o período das eleições municipais, em outubro de 2008, a escola organizou o seu próprio processo eleitoral tendo alunos como candidatos a prefeito. Cinco chapas foram formadas e houve debates para que as propostas de melhoria da instituição de ensino fossem apresentadas. Os pais e parentes das crianças acabaram sendo envolvidos. "Essa experiência nos trouxe mais consciência, porque entendemos o valor do voto",

comentou a prefeita eleita com 111 votos, a aluna Maria Clara dos Santos Fernandes, 11 anos. Ainda em tom de campanha, a vice Maria Helena Lima Nascimento, 10 anos, disse que ela e sua família vão cumprir todas as metas propostas até o final de 2008, quando deixará a escola para ingressar na sexta série do ensino fundamental. "Sentirei saudades daqui, pois os professores nunca desistem do nosso aprendizado", discursa.

Ângela Cristina Lima Nascimento, 36 anos, mãe de Maria Helena, contou que a "campanha" da filha a fez repensar seu papel de

eleitora. "Nossos filhos aprendem aqui e nos ensinam em casa." Cláudia Stella Fernandes, 42 anos, mãe da prefeita da escola, disse que o momento é de ajudar a filha a executar as promessas. "Nossa família ficou tão envolvida nesse processo que acabou espelhando em Maria Clara o que deseja para nossa cidade. Agora estamos todos empenhados em ajudá-la a cumprir suas propostas, entre elas, arrumar a escala de horários para o funcionamento dos jogos de recreação. Aprendi a importância do papel da família no apoio à escola, porque, separado, a gente cresce muito pouco."



HUMANIZAÇÃO:
brinquedoteca e
mobilização da
comunidade escolar
tornaram ensino
prazeroso

Pesquisa revela que família tem peso importante na trajetória do educando

Pesquisa divulgada recentemente pela Fundação Itaú Social aponta que 70% do desempenho do aluno estão vinculados à família e os outros 30% são atribuídos à escola. O consultor em políticas públicas, o sociólogo Rudá Ricci, destaca que a renda familiar, associada às baixas condições de vida e de acesso a bens culturais, têm impacto violento no processo de aprendizagem do aluno. Por outro lado, estudo do Banco Mundial na América Central revelou que há melhoria de até 30% no rendimento de crianças cujos pais participam da gestão da escola.

A coordenadora do Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação (CAED) da UFJF, Lina Kátia Mesquita de Oliveira, confirma que a gestão escolar interfere no desempenho dos alunos. "Nas avaliações de desempenho escolar, sabemos que 70% dos resultados estão ligados a fatores extraescolares tais como o capital social, cultural e o nível de escolaridade da mãe. Mas o restante está ligado diretamente à escola. Naquelas onde há compromisso do professor e gestão participativa, o desempenho dos alunos é maior", analisa. Eduardo Magrone, pró-reitor de graduação da UFJF, cita

pesquisa do CAED cujo resultado aponta: o número de vezes em que o diretor se ausenta da escola altera o desempenho dos alunos. "Por meio de questionário contextual aplicado nas escolas, observamos que há uma forte associação entre a variável presença do diretor na escola e o desempenho dos alunos em avaliações. Se o gestor consegue estabelecer um sentimento de equipe, o resultado do trabalho é melhor."

A gestão participativa parece ser a "fórmula" de sucesso do Dom João. Ao delegar tarefas para todos, cada um se sente responsável pela escola. A professora do segundo ano do ensino fundamental, Ana Cristina Rabelo, 38 anos, concorda. "Aqui a gente sente que está fazendo a diferença e que nosso trabalho é valorizado. Acho que a palavra fracasso não deveria existir em nenhum dicionário."

Na sala de Izabel Cristina Andrade, 37 anos, professora da fase introdutória, a música é o pano de fundo das aulas de arte. É nesse ambiente que crianças, algumas com necessidades especiais, desenvolvem a criatividade. O resultado, porém, atinge diretamente a autoestima de quem ensina. "Essa escola é a mi-

nha realização, pois valoriza nossas iniciativas e o trabalho junto ao aluno. Me sinto estimulada, porque encontro apoio." Com 20 anos de serviços prestados ao estado, a cantineira da escola, Maria Dolores Pereira Amaral, 55 anos, também está em dia com a sua autoestima. "Me sinto importante aqui, porque ajudo a fazer as coisas acontecerem."

Para a diretora, a experiência da escola confirma a importância da gestão. "O meio social interfere, sim, mas a gestão é importante para traçar diretrizes. Se fosse só por salário, a gente não faria, mas o que nos dá prazer é o resultado. O prioritário é o pedagógico. O foco é o aluno. Se ele estiver bem, a gente consegue tudo", acredita. O compromisso com a aprendizagem se reflete na pontuação da escola junto ao Ideb, semelhante à dos países desenvolvidos: 6,2 nas séries iniciais, bem acima das médias nacional (4,2) e estadual (4,7).

A diretora comemora os avanços, mas admite que ainda falta diálogo entre as escolas, a Secretaria de Educação e o Estado. "É preciso escutar mais o professor. Nós deveríamos ser mais ouvidos na formulação das políticas de educação."

FOTOS: EDNA IÉVENES



FÓRMULA DE SUCESSO:
a professora Ana Cristina Rabelo diz que a gestão participativa e a valorização do trabalho docente são estímulo

Com apenas **oito anos** de funcionamento, escola de Janaúba apresenta **rachaduras**

EM BELO HORIZONTE: crianças são alfabetizadas em sala com goteira e tijolos vazados



WILSON AVELAR

Mesmo os prédios escolares construídos há pouco tempo não estão isentos de problemas. Um exemplo disso acontece em Janaúba, município do norte mineiro com 71 mil habitantes onde apenas 0,3% da população é atendida por rede de esgoto e 64,3% das moradias contam com coleta de lixo, segundo dados do Caderno de Informações do Ministério da Saúde. Apesar de ter sido inaugurada em 2000, a Escola Estadual Doutor Oscar Maurício Porto, no Bairro Esplanada, que atende a 230 alunos do ensino fundamental, já apresenta rachaduras nas paredes. As trincas aumentaram ainda mais com as obras de implantação da Avenida Ecológica,

onde será construída rede pluvial.

O terreno arenoso onde a escola foi edificada contribui para o acúmulo de água no entorno da instituição, situação que já levou a suspensão das aulas em fevereiro de 2007. Já no calor, todos são penalizados. Das oito salas de aula, somente três estão com os ventiladores funcionando. A quadra de esportes é descoberta, o que dificulta a utilização pelos alunos por causa das altas temperaturas do norte mineiro. A necessidade de espaço transformou o laboratório de ciências em sala de aula. Já o almoxarifado passou a abrigar o laboratório de informática, embora não conte com janelas, nem ventilação adequada para isso.

Recém-reformada, a Escola Estadual Britaldo Soares Ferreira, localizada no Bairro Suzana, região norte de Belo Horizonte, também funciona de maneira precária. Apesar de três novas salas de aula, melhoria dos banheiros e recuperação da cantina, a instituição com 600 alunos do ensino fundamental, muitos deles procedentes da favela 1º de maio, ainda tem crianças estudando em sala com tijolos vazados e sem vidros. A biblioteca improvisada divide espaço com a sala de vídeo. Para evitar que os estudantes continuassem fazendo a leitura de livros sem o apoio de mesas, o mobiliário da cantina, composto de material plástico, é utilizado durante as atividades.

Recém-reformada, Escola Estadual Britaldo Soares Ferreira, na capital, ainda mantém alunos em espaços precários

“Fazê-los ler, me realiza. É por isso que, em meio a tantos obstáculos, não penso em desistir.”

Maria Helena Rodrigues Dias de Carvalho, professora da fase introdutória

Frio na sala de aula

A sala da alfabetização também impressiona. Apesar de ser o período mais importante da vida escolar, capaz de desenhar a trajetória do aluno, meninos e meninas de 6 e 7 anos aprendem a ler em meio a água que escorre das goteiras. São tantos buracos no telhado que o chão chega a ficar sujo de barro. Além da chuva, as crianças enfrentam o frio que a parede de tijolos vazada não consegue deter. Para fazer a reportagem, a equipe permaneceu nesta sala por cerca de 50 minutos e deixou o local com a roupa molhada. “É doido não é? Se a gente falar o que se passa aqui, ninguém acredita”, comenta a professora da fase introdutória, Maria Helena Rodrigues Dias de Carvalho, 51 anos, 31 deles na rede estadual.

Ainda assim, Maria Helena faz questão de mostrar o caderno de sala dos alunos com as lições que eles já sabem ler. “Passa qualquer frase no quadro, mas com grau de dificuldade. Você vai ver que eles conseguirão entender”, desafia. O resultado é animador. Em coro, todos conseguem juntar as letras e compreender o significado do texto. “Fazê-los ler, me realiza. É por isso que, em meio a tantos obstáculos, não penso em desistir.”

FOTOS: WILSON AVELAR



FLAGRANTES:
prédio ainda
tem vidros
quebrados (acima)
e biblioteca
improvisada
em sala de vídeo
(à esquerda,)

Região Centro-Oeste



FOTOS: CARLÚCIO MARTINS



Condições precárias estimulam descompromisso dos alunos

O consultor em políticas públicas, o sociólogo Rudá Ricci, acredita que as estruturas físicas de uma escola definem as estruturas mentais dos alunos. "Pesquisa recente da Europa revela que, em função da baixa luminosidade, os povos dos países nórdicos são muito mais infelizes do que as populações que recebem sol. Já no Brasil, uma psicóloga que trabalha no metrô de São Paulo percebeu que se um vagão depredado continuar percorrendo longas distâncias, a tendência é que ele sofra maior depredação ao longo do caminho. Fazendo uma analogia com as escolas, isso mostra que uma condição deteriorada gera descompromisso, porque há o entendimento de que as pessoas que cuidam dela não se interessam."

Em Divinópolis, município da região Centro-Oeste do Estado com mais de 200 mil habitantes, a Escola Estadual Dona Diva de Oliveira, é um reflexo dessa realidade. Localizado no Bairro São José, uma das zonas periféricas da cidade, o colégio de 350 alunos do primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental tem grades até no teto da sala dos professores, utilizada também como laboratório de informática, almoxarifado e sala de xerox. A impressão de quem entra nesse espaço é que a mensagem emitida para todos que frequentam a escola é uma só: "você são bandidos."

As grades, no entanto, são apontadas como uma necessidade de proteger a escola dos constantes furtos de equipamentos, mas o sentimento dos alunos é de aprisionamento. As salas de aula também têm as janelas gradeadas

e a visão que se tem através dos ferros é de um muro parcialmente destruído, em função de desabamento, e o que restou de uma quadra de esportes. Degradada e cercada por arquibancada



CENÁRIO DE ABANDONO: prédio gradeado e pichado afeta autoestima de alunos da Escola Estadual Dona Diva de Oliveira, em Divinópolis

de barro, a utilização do único espaço de lazer do colégio fica prejudicada. "Temos professores muito comprometidos e que se preocupam em buscar qualidade, montar projetos e abraçar a escola, mas os alunos se sentem desvalorizados pela falta de espaço e pelo aspecto físico do prédio", admite a professora da fase introdutória, Maria Lúcia de Souza Moura, 48 anos, 27 deles dedicados à rede estadual. Ela diz que, recentemente, a escola recebeu a notícia que será contemplada com verba para a reforma.

A precariedade na infraestrutura da instituição de ensino pode ser um dos motivos para que o índice de evasão chegue a 15% ao ano. "Nos sentimos desvalorizados, porque a escola é vista como um lugar de vândalos. Enquanto aqui está assim, as escolas vizinhas têm auditórios e foram reformadas", queixa-se Milena Aparecida Souza, 15 anos. Danúbia Stefanie, 14 anos, vai além e diz que o fato de estar na escola não significa ter oportunidades. "De fato, estamos aqui dentro. Mas falta lazer, infraestrutura, aulas diferenciadas, computador, mais material pedagógico. Na prática, a gente não tem oportunidade."

Entre os professores, o sentimento também é de abandono. "Nós estamos sem apoio, nos sentindo pressionados, como se fôssemos responsáveis por tudo. A educação tem tomado uma dimensão diferente, na qual a figura do professor não é respeitada. Conheço muitos colegas que desistiram. Só não fiz isso, porque gosto muito do que faço. Mas, hoje, eu também não ficaria se estivesse começando", desabafa Lúcia.

FOTOS: CARLÚCIO MARTINS

Sala de tempo integral tem espaço privilegiado

Enquanto os espaços comuns da escola estão degradados, os 25 alunos que estudam em regime de tempo integral parecem viver uma realidade paralela. No mesmo prédio pichado, a sala de aula do projeto é pintada de verde, bem arrumada e aconchegante. É nesse ambiente diferenciado dos outros que crianças da segunda, terceira e quarta séries do ensino fundamental estão sendo despertadas pelo interesse em aprender. Com a ajuda da arte e o seu tempo de aprendizagem respeitados, eles estão conseguindo superar a defasagem idade/série. Para isso, contam com atenção individualizada, merenda diferenciada e acompanhamento. "O rendimento e o comportamento melhoraram", garante a professora de tempo integral Sônia Aparecida de Moraes, 50 anos. Tatiana Kettlyn Marques,



Enquanto os espaços comuns da escola estão degradados, 25 alunos que estudam em regime de tempo integral parecem viver uma realidade paralela

11 anos, confirma. "Antes, eu não tinha vontade de ficar na escola, porque eu tentava aprender, mas não conseguia. Hoje, descobri que sou inteligente." Yuri Santos, 10 anos, ingressou no projeto sem saber ler, nem escrever, mas atualmente está alfabetizado. "Não saber ler me deixava triste. Agora já posso ler livros e aprender mais."

A experiência dos meninos demonstra a importância da proposta de promover o atendimento do aluno com defasagem de aprendizagem, visando à ampliação do universo de experiências artísticas, culturais e esportivas, com o aumento do tempo de permanência do estudante no ambiente escolar. Ao mesmo tempo, o projeto que beneficia cerca de 110 mil alunos de 1.790 escolas da rede estadual, consumindo R\$ 31,3 milhões em investimentos, acentua o abismo que existe entre seus participantes e aqueles que não são. "Nesse sentido, acho a escola de tempo integral discriminatória. Apesar de acreditar na sua proposta, ela teria que ser para todos e não somente para alguns", diz Lúcia.



CONTRASTE: alunos de projetos como o da escola em tempo integral estudam em salas bem cuidadas (acima), enquanto outros do mesmo colégio contam apenas com quadro e giz

Em Divinópolis, escola está sitiada pela violência

A rotina da Escola Estadual Antônio da Costa Pereira, no Bairro Nações, região com 20 mil habitantes e que tem um dos maiores índices de criminalidade de Divinópolis, é marcada pela violência que está fazendo os alunos migrarem para outras escolas da rede estadual. Como o prédio é constantemente invadido pela comunidade, situação agravada pela reduzida altura do muro que cerca a escola, o clima de insegurança predomina. Recentemente, até a porta da escola foi furtada, o que demonstra que a relação da instituição de ensino com a comunidade está deteriorada. Só em 2008 foram feitos 34 registros de furto no 23º Batalhão de Polícia Militar. Considerada uma escola sitiada, professores e os cerca de 700 alunos do ensino fundamental e médio têm que lidar com o assédio dos traficantes e com as visitas quase diárias da polícia ao local. Há alguns meses, uma aluna foi flagrada tendo relações sexuais dentro da sala de aula com um homem do bairro, o que gerou nova ocorrência policial.

"Um dos grandes desafios aqui é a falta de segurança para atender aos meninos. Isso interfere na rotina escolar, pois o constante enfrentamento com a comunidade tem impedido a realização de projetos dentro da institui-

ção. Isso não estimula os alunos a gostarem da escola. Por outro lado, a gente se sente impotente por não conseguir realizar as atividades propostas", analisa Vera Lúcia Rodrigues, 49 anos, professora de geografia do ensino fundamental. Xilder Nogueira Fernandes, 33 anos, professor do ensino fundamental e médio, diz que a falta de recursos agrava o quadro de desinteresse dos estudantes, fazendo com que eles não se identifiquem com o espaço em que frequentam. "O que deixa a gente mais frustrado não é nem a desvalorização salarial, mas não conseguirmos alcançar os objetivos educacionais dentro dessa estrutura falida que é o sistema do estado."

Nem a recente reforma do prédio, que ganhou quatro novas salas, dois banheiros e agora um refeitório, contribuiu para mudar a visão que os alunos têm da escola e para a valorização do ambiente escolar. "Da nossa quadra só resta o piso. O acesso a biblioteca é limitado, porque a sala também é usada para as aulas com vídeo. Quando está passando um filme, é difícil entrar para trocar um livro", diz Lillian Fernanda da Silva, 14 anos.

Dos 30 estudantes da oitava série do ensino fundamental que responderam ao questionário aplicado pela equipe de reportagem sobre

as condições da escola, 25 atribuíram nota inferior a cinco pontos em relação aos atrativos que ela oferece. Destes, nove citaram a reforma da quadra como sugestão para torná-la melhor. A criação de uma sala de vídeo separada da biblioteca, uso pedagógico dos computadores, mais segurança, maior conforto e espaço para lazer, teatro e dança também aparecem entre as respostas, revelando a distância entre a realidade dos alunos e o currículo.

"Num país com dimensões continentais é necessário ter um currículo que respeite as diversidades regionais", afirma a professora de geografia Maria Catarina Laboe Domingues, 49 anos. Para o professor emérito da Faculdade de Educação da UFMG, Miguel Arroyo, os currículos escolares têm que trabalhar em comum as vivências humanas. Rudá Ricci, consultor em políticas públicas enfatiza que é preciso conhecer a realidade do aluno. "Os livros didáticos, por exemplo, são escolhidos antes de sabermos o que o aluno precisa. Alguém acataria receber do médico uma receita xerocada sem ter passado por uma consulta? O meio social e a realidade do estudante precisam ser considerados no conteúdo curricular. É necessário ter um diagnóstico comunitário, a fim de desenvolver um plano de aula voltado para a necessidade do aluno."

CARLÚCIO MARTINS



JAULAS:
equipamentos
ficam
trancados
para evitar
roubos

Escolas-referência

Criado para resgatar o ensino de qualidade na escola pública, o projeto Escolas-Referência, implantado em Minas, a partir de 2004, pode ter feito das 223 instituições contempladas uma ilha de excelência. Embora o objetivo fosse transformar a exceção em regra, a partir do momento em que elas exercessem sobre as demais escolas influência construtiva, isso ainda parece não ter acontecido. O fato é que os vultuosos aportes de recursos encaminhados para os colégios do projeto contrastam diretamente com a exiguidade de verbas da maioria. Enquanto muitas escolas ditas comuns não têm sequer uma biblioteca separada da sala de vídeo, um banheiro digno ou mesas para que os estudantes possam assentar-se enquanto comem, as escolas referência parecem fazer parte de outro sistema de ensino.

A Escola Estadual Santo Tomaz de Aquino, em Divinópolis, região Centro-Oeste de Minas, é uma delas. Localizada no Bairro Porto Velho, região central da cidade, sua estrutura física impressiona pelo espaço e pela diversidade de equipamentos disponíveis. Os mais de mil alunos contam com sala de cinema de 90 lugares, laboratório de ciências, sala de ginástica, que eles chamam de academia, quadra de esportes protegida por rede, anfiteatro coberto e com cadeiras, e uma biblioteca semelhante a das escolas particulares que, só em 2008, recebeu 64 caixas de livros de literatura. O laboratório de informática é bem equipado e está em funcionamento. As salas de aula são amplas, arejadas e azulejadas, assim como a cozinha e os banheiros projetados para atender alunos com necessidades especiais.

No das meninas, a pia exibe tampo de granito e um grande espelho, transformando o espaço num dos prediletos das alunas. "As meninas do estadual adoram o banheiro", confirmou uma estudante que saía. Não que as escolas públicas não mereçam contar com uma estrutura deste nível, mas o fato é que a distância das escolas referência para as convencionais acaba excluindo os alunos que não têm a chance de estudar em uma instituição modelo.

"Se a distância entre as escolas convencionais e a referência se cristalizar, o próprio sistema mineiro de educação fica comprometido, porque institui-se um subsistema dentro do sistema que, por sua vez, concentra recursos, os melhores professores e os melhores alunos. A idéia de criar um centro de referência é muito interessante, mas o que está sendo feito para que as outras escolas se referenciem? Desta forma, cria-se uma divisão que não é positiva", analisa o pró-reitor de graduação da UFJF, Eduardo Magrone.

O pedagogo Antônio Carlos Gomes da Costa, um dos redatores do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e atual conselheiro pedagógico do Instituto de Governança Social do Estado de Minas Gerais, esclarece que as escolas de referência não devem ser como uma "flor na lapela dos sistemas de ensino, usadas para serem visitadas, filmadas, fotografadas, publicadas em revistas e apresentadas em congressos." E acrescenta. "A exceção, que se perpetua como exceção, é doentia em sua essência. A exceção sadia é aquela que tem vocação para virar regra", explica. (ver entrevista completa nas páginas 34,35,36,37 e 38)



"FLOR NA LAPELA": com estrutura diferenciada, escolas-referência destoam de outras da mesma rede de ensino. Nesta, no Centro-Oeste, os alunos contam com sala de cinema, banheiro com granito, cozinha ampla, salas de aula azulejadas e biblioteca com espaço e mobiliário adequados

"Se a distância entre as escolas convencionais e a referência se cristalizar, o próprio sistema do sistema que, por sua vez, concentra recursos, os melhores professores e os melhores alunos"

Eduardo Magrone, pró-reitor

ainda são ilhas de excelência

FOTOS: CARLÚCIO MARTINS



Apesar de recursos, falta interesse do aluno

Dados do Dieese revelam que a Escola Santo Tomaz de Aquino recebeu, entre 2006 e 2007, um repasse de R\$ 397.568, 27 vezes mais do que os valores repassados para Escola Estadual Rui Barbosa, no Sul de Minas, cujo número de alunos, 1.200, é semelhante ao da escola de Divinópolis. Lá, no entanto, boa parte dos estudantes do ensino fundamental estuda num galpão, apelidado pelos próprios garotos de paiol.

A vice-diretora da Santo Tomaz, Eliza Karina Nogueira de Oliveira, 36 anos, disse que, apesar de todas as melhorias, não houve aumento do interesse do aluno pela escola. "A questão da depredação continua a mesma. Os alunos acham que por ser escola pública não é necessário preservá-la. Além disso, apesar de todos os recursos pedagógicos, o professor precisa de motivação que não seja só a promoção do aluno. Ele não se sente valorizado. Muitos adoecem. Já tivemos seis professores licenciados no mesmo turno", revela.

Gilmara Ramos de Moraes Durães, vice-diretora da Escola Estadual Professora Dulce Sarmiento, em Montes Claros, Norte de Minas, outra escola referência do estado, diz que também sente falta do interesse do aluno. "A escola foi toda reformada. Houve ampliação da biblioteca, mudança de salas, implantação de laboratórios de informática, química e biologia, além de sala de vídeo e auditório à disposição dos cerca de 1.200 estudantes. Temos o melhor corpo docente de Montes Claros, mas, mesmo com tanto incentivo, o interesse é pequeno. Os alunos não têm sede de conhecimento. Muitos acham que serão Ronaldinhos e que não precisam estudar para chegar lá. Falta perspectiva", comenta. O resultado do Ideb pode ser reflexo disso. O colégio ficou abaixo da média estadual nos anos finais, com 3,4 pontos. A vice-diretora acrescenta que, apesar de sentirem-se estimulados com a compra de novos materiais pedagógicos, os professores ainda se ressentem da falta de valorização. "O dinheiro que veio para a escola ajuda muito, mas há questões que precisam ser melhoradas, como a do reconhecimento do trabalho do professor."

**istema mineiro de educação fica comprometido, porque institui-se um subsistema dentro
lhores alunos. O que está sendo feito para que as outras escolas se referenciem?"**

teitor de graduação da UFJF



CLÁUDIA VILHENA



"BÓIA-FRIA":
sem refeitório
ou mesas para
se alimentar,
estudantes
merendam em
pé no colégio

Colheita de café tira meninos da sala de aula no Sul de Minas

Movido pelas plantações de café, Campestre, município do Sul de Minas com pouco mais de 20 mil habitantes, já se acostumou a ver seus meninos e meninas nos cafezais, muitos deles durante o horário das aulas. O cultivo dos grãos é a principal atividade econômica da cidade. Apesar da fiscalização das escolas e dos projetos de erradicação do trabalho infantil, o serviço no campo é uma herança que passa de pai para filho. Conhecido nacionalmente, o café mineiro é obtido à custa do analfabetismo de várias famílias. Por isso, para muitas crianças e adolescentes de Campestre estar na escola é a única chance de superarem o ciclo de exclusão e escreverem um novo destino.

Na Escola Estadual Rui Barbosa, localizada no Centro, 60% dos alunos do turno da manhã são provenientes da Zona Rural. Muitos deles ajudam os pais na plantação durante o

período da tarde, mas a dificuldade em conciliar a tarefa com a escola é confirmada pela supervisora pedagógica Eliane Blandina Duarte de Oliveira, 40 anos. Fernando Adriano Vitor, 15 anos, está na oitava série do ensino fundamental e, desde os 12 anos, trabalha cinco horas diárias no café. Só ele colhe, em média, quatro sacos por dia, o equivalente a 240 quilos.

A evasão no colégio se agrava entre os meses de abril e outubro, quando ocorre o período da colheita do café, e chega a 10% no período noturno. O resultado do afastamento da escola é desastroso. Avaliação diagnóstica feita pela instituição junto a 35 alunos da quinta série apontou que 80% dos estudantes não conseguem reconhecer uma figura plana, um triângulo e um quadrilátero e 49% não sabem interpretar as horas apontadas pelos ponteiros de um relógio. Numa turma de sétima série

do ensino fundamental, mais de 50% dos 32 alunos estão em situação crítica de aprendizagem, o que significa que não desenvolveram as competências mínimas.

Professor emérito da Faculdade de Educação da UFMG, Miguel Arroyo, afirma que a escola precisa levar em conta o tempo humano. "A criança e o adolescente têm duas trajetórias: a escolar e a trajetória do tempo humano. Como são os tempos humanos dos adolescentes que trabalham? O tempo de sobrevivência e o tempo da escola não coincidem. Temos que repensar o tempo da escola em função da vida dos educandos, e isso não está relacionado somente com o calendário escolar. A escola precisa organizar o processo pedagógico para dar conta dessa diversidade de tempos, ciclos de socialização, de aprendizado, de construção dos sujeitos humanos", considera.

"Geração comprometida"

Arroyo defende organizações escolares mais flexíveis, mas lembra que a concepção de ciclo, desenvolvida a partir do respeito ao ciclo da vida dos educandos, é diferente daquela na qual os ciclos não são nada mais do que uma forma de organizar as antigas séries. Aliás, a mudança da forma sem, no entanto, alterar o conteúdo, fez muitas vítimas na educação. Na Escola Estadual Rui Barbosa, por exemplo, que recebe alunos a partir da quinta série do ensino fundamental, existem estudantes que, aos 15 anos, ainda não sabem ler nem escrever, mas continuam sendo promovidos. "Estes casos são fruto da experiência de ciclo concebida na ideia da promoção automática", considera Eliane. Para a professora de português e literatura, Irene Araújo Figueiredo, 48 anos, a herança do ciclo comprometeu toda uma geração. "A dificuldade de escrita e leitura é um reflexo dessa política educacional. Muitos meninos avançaram, sem aprender. Houve muita pressa na alfabetização".

Para o psicopedagogo Celso Antunes, houve um pro-



FOTOS: CLÁUDIA VILHENA

MENSAGEM: Apesar de condições precárias, painel em parede defende importância da educação

"Muitos fatores contribuem para as deficiências, mas, se não houve aprendizagem, é porque alguma coisa aconteceu com o ensino"

Eliane Blandina, supervisora

cesso de má aplicação daquilo que se chamou do fim da reprovação do aluno, a progressão automática. "Ela em si não é um mal, mas é preciso ter parâmetros. Há metas a serem suplantadas. Um aluno da quinta série tem que saber ler e escrever. Numa autoescola não se pode aprovar um motorista que é um perigo público. Há cerca de quatro anos, a bandeira da promoção automática se espalhou no país. Quando se constrói uma ideologia, leva um tempo para ser desfeita. Mas acredito que essa mentalidade está mudando."

Apesar de a reorganização do tempo escolar ser uma necessidade, muitas instituições ainda não sabem como modificar a sua prática educativa para dar conta do desenvolvimento e formação plena dos educandos. "Aqui na escola, um levantamento mostrou que os professores não conseguem sequer trabalhar todo o conteúdo do currículo, em função de vários fatores como a falta de maior estudo do Currículo Básico Comum, de maior aprofundamento e de planejamento. Além disso, somos obrigados a levar para sala de aula professores que não são habilitados em determinada disciplina. Muitos fatores contribuem para as deficiências, mas, se não houve aprendizagem, é porque alguma coisa aconteceu com o ensino. No entanto, nem sempre a criatividade supera a deficiência causada pela falta de recursos. A cobrança é imensa, querem resultado de qualquer forma. Mas também precisamos de apoio", diz a supervisora Eliane.



ALUNOS TRABALHADORES: Ana Beatriz e Fernando, da oitava série do ensino fundamental, procuram conciliar a escola com a lavoura do café, onde ajudam os pais

Estudantes de Campestre sonham em deixar “paiol”

FOTOS: CLÁUDIA VILHENA



DIFERENÇAS: enquanto meninos e meninas do ensino fundamental estudam em galpão (acima), jovens do ensino médio assistem aulas em salas novas e arejadas na mesma escola

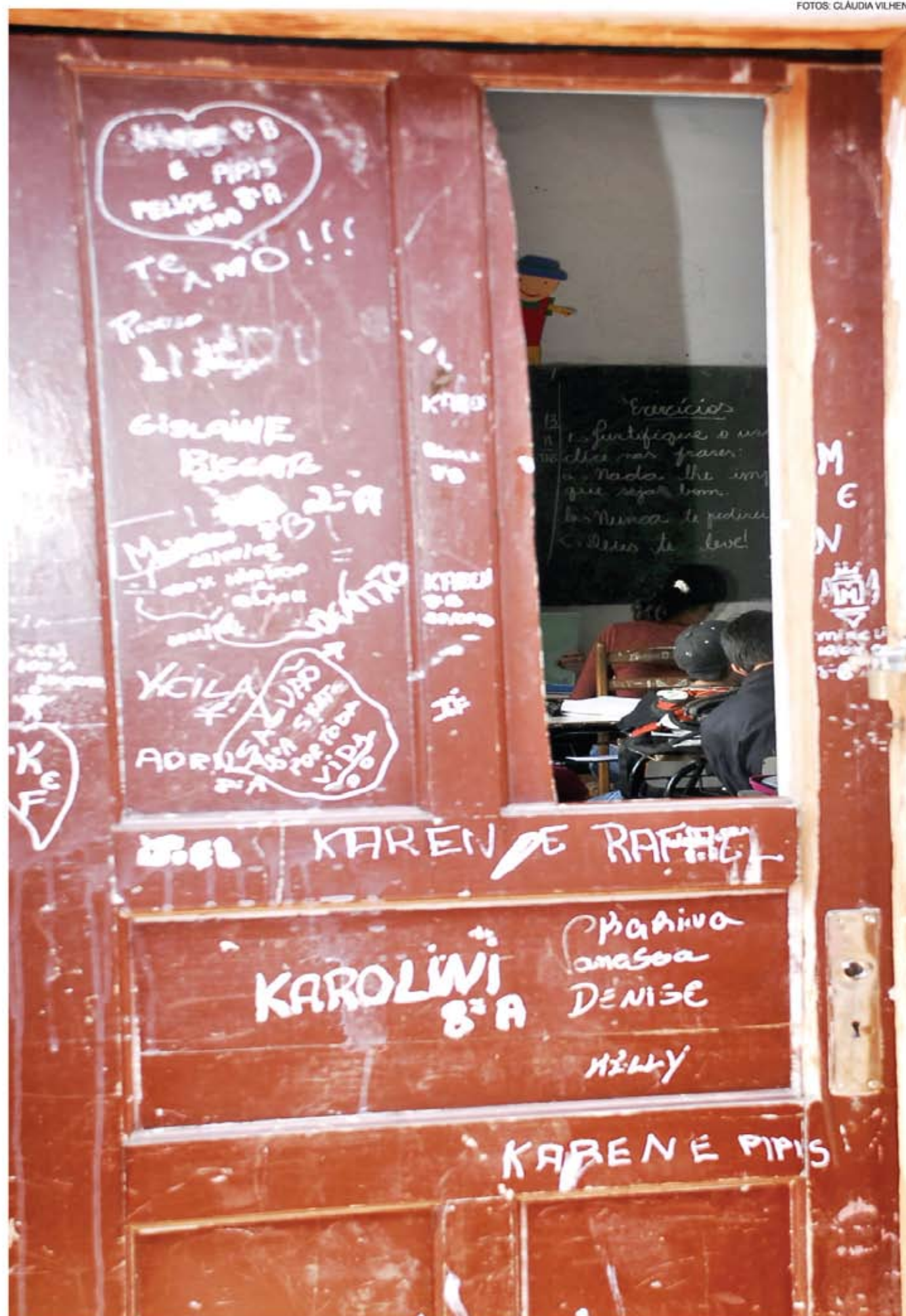
Para chegar até as salas de aula da sétima e oitava séries da Escola Estadual Rui Barbosa é preciso se dirigir a uma construção anexa ao estabelecimento de ensino. É em um galpão precário e mal iluminado que os adolescentes passam cerca de quatro horas diárias. O local, batizado de “paiol” pelos próprios garotos, impressiona. As salas têm pouca ventilação, as portas estão quebradas e o telhado de amianto esburacado, levando os alunos a fugirem das gotelas no período das chuvas. No mesmo espaço existe ainda uma sala de aula conhecida como “casinha”, na qual não há reboco.

Apesar de os estudantes ironizarem a situação, a indignação provocada pela permanência em local tão degradado é revelada no questionário aplicado junto a 30 alunos da oitava série do ensino fundamental. No item sobre o que tornaria a escola mais interessante, a resposta veio sem rodeios. “Tirar a gente do paiol”, colocou uma aluna na pesquisa. Quando questionados sobre o que falta na escola, novamente os adolescentes protestaram: “vidros nas janelas, salas, carteiras boas para estudar e um telhado que não seja esburacado.” Em relação ao que esperam da escola, o tema retornou a pauta. “Que construam mais salas para tirar os alunos do galpão.” Questionados sobre as sugestões para melhorar a escola, a falta de infraestrutura foi citada mais uma vez. “Que as salas sejam menos destruídas e que a escola tome providências para que eu possa sonhar”, escreveu uma aluna.

Angélica Luciano Ribeiro, 17 anos, é enfática ao comentar a realidade. “O aluno procura muito o que chame a sua atenção. Se houvesse algo que o atraísse, ele teria mais interesse de vir para a escola. Na nossa, não há sequer um refeitório para que possamos nos assentar a mesa durante a merenda. Aqui no paiol também faz muito frio durante o inverno.” A falta de identidade com a escola talvez explique o fato de as professoras não terem nome para os alunos. Todas são chamadas de “dona”.

A diretora da escola, Tânia Maria Muniz Pereira, 42 anos, diz ter recebido, em setembro de 2008, R\$ 200 mil para viabilizar a construção de cinco novas salas. O projeto de ampliação da escola também prevê a construção de um refeitório, novos banheiros e laboratório de informática, que funciona em uma sala de aula. “A escola não pode reclamar de não ter verba. Temos recebido muitos recursos do estado, inclusive para manutenção.”

FOTOS: CLÁUDIA VILHENA



"BOAS VINDAS":
receptionados
em estrutura
degradada,
alunos do galpão
lamentam as
condições físicas
do colégio

**"Queria que tivéssemos uma formação mais humana,
que valorizasse o que a pessoa sabe fazer"**

Viviane Vital Pereira, 15 anos, estudante do ensino médio

FOTOS: CLÁUDIA VILHENA



NO "PAIOL":
estudantes
assistem aulas
em salas sem
infraestrutura
(acima); no
mesmo galpão
(ver corredor)
está localizada
precária quadra
de esportes
(ao lado)



Atividades físicas são realizadas em sala de aula

O dinheiro que será encaminhado pelo Estado deverá ajudar na recuperação da quadra de esportes. A estrutura está deteriorada e serve como depósito de carteiras e objetos. Além disso, não pode ser usada por todos os alunos, porque os horários das séries do turno da manhã coincidem. "Dar aula de educação física na sala de aula é frustrante", afirma a professora Cássia Maria de Souza Campos, 45 anos.

A distância entre a teoria e a prática também incomoda os estudantes do primeiro ano do

ensino médio. Diferente dos alunos da oitava série, os adolescentes do ensino médio estão instalados em salas de aula construídas com recursos próprios da escola. Com espaço arejado e amplo, a atenção deles está voltada para a melhoria do conteúdo. "Queria que tivéssemos uma formação mais humana, que valorizasse o que a pessoa sabe fazer", disse Viviane Vital Pereira, 15 anos. Bruna Luiza Fernandes, da mesma idade, também pede mudanças. "Temos aulas de arte, mas só de ouvir falar. Hoje mesmo, estamos aprendendo

sobre a música através da cópia de textos. A discussão da cultura está muito longe da realidade."

A realidade dos alunos também foi questionada na entrevista. Alex Viana Machado, 15 anos, argumenta que a distribuição da merenda para o ensino médio diurno precisa ser revista. "A questão da merenda é injusta. Muitos alunos vêm da zona rural sem alimentação. É ruim assistir aula com fome", afirma. Questionado se, naquele momento, estava com fome, Alex não se esquivou: "muita".

Delitos, gravidez e suicídio são realidade de alunos no Sul de Minas

A carência também acompanha os alunos da Escola Estadual Elias Jorge Zenun, no Centro de Campestre. Dos 407 estudantes matriculados do primeiro ao nono ano do ensino fundamental, 50% residem na Zona Rural. Muitas destas crianças vivenciam o drama do alcoolismo de parentes, a violência doméstica e o abandono paterno. Expulsas de casa pela desestrutura familiar, alunas de 13 e 14 anos se veem às voltas com a gravidez precoce. Só em 2008, cinco garotas nessa faixa etária deixaram a escola por terem se tornado meninas-mães. O envolvimento dos meninos com atos infracionais também é uma realidade, o que acaba interferindo no rendimento escolar. Outro dado impressionante são os casos de suicídio entre os alunos. A morte de um adolescente de 13 anos que estava na

sétima série do ensino fundamental chocou a comunidade escolar. Outras duas tentativas de suicídio entre jovens de 15 anos também foram registradas. "Na verdade, falta para eles a perspectiva de terem uma vida melhor que a dos pais. A cada dia, a gente conhece uma nova história de sofrimento e isso tem reflexo direto na sala de aula", avalia a auxiliar de secretaria, Márcia Ionice Figueiredo de Souza, 30 anos.

Jeferson Loyola Almeida, 30 anos, professor de educação física, entendeu que para lidar com uma clientela tão sofrida teria que lançar mão de um preparo que ele mesmo não teve enquanto estava na sala de aula. "Como vamos falar sobre educação para um criança que não tem o que comer, nem vestir? Se me perguntar se recebi formação da faculdade para isso,

se sai preparado para lidar com essa realidade, digo que não. O que me ajudou foi a experiência que tive fora da escola, através de projetos sociais, como o Minas Olímpica, que promove, por meio do esporte, a inclusão social e o protagonismo juvenil. Depois disso, aprendi a não ter uma visão punitiva, mas educativa. Resolvi, então, trabalhar com o lúdico, para despertar o interesse dos alunos", comenta.

Jeferson conta que, antes da construção da quadra, em 2007, o espaço para a prática de esportes era desenhado no chão. "Eu desenhava e os alunos imaginavam a quadra. Hoje eles sabem o que é", diz. A obra propiciou a realização das atividades, mas a falta de equipamentos esportivos ainda é um desafio. A bola furada, usada nas aulas, é um exemplo das dificuldades enfrentadas na escola.



REALIDADE:
só em 2008,
cinco meninas
da escola Elias
Jorge Zenun
tornaram-se
meninas-mães

**"A cada dia, a gente conhece uma nova história de sofrimento
e isso tem reflexo direto na sala de aula"**

Márcia Ionice Figueiredo de Souza, auxiliar de secretaria

FOTOS: CLÁUDIA VILHENA



CRIATIVIDADE:
professor Eloy
Sartini levou
o xadrez para
a escola e
conquistou
as crianças
reciclando
materiais
usados nas
atividades



PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA JEFERSON LOYOLA:
"aprendi a ter uma visão educativa"

Professor transforma lixo em esperança

Para superar as limitações, Eloy Sartini, 34 anos, outro professor de educação física do colégio, decidiu transformar lixo em esperança. Daí nasceram brinquedos alternativos para a realização das atividades, feitos de cano e corda, e o projeto de xadrez que levou para a sala de aula noções de regras antes desconhecidas pelas crianças. "Usei o jogo para fazê-los pensar na consequência de seus atos. Refletir antes de uma atitude. Deu certo", revela Eloy, que fez as peças do jogo com cabo de vassoura e o tabuleiro com restos de fórmica de um guarda roupa.

O empenho do professor rendeu a Cataline Carla de Souza, 13 anos, aluna da sétima série, o quarto lugar na etapa regional dos jogos escolares de Minas Gerais. Filha de um agricultor, ela nunca havia tido contato com o xadrez antes do projeto na escola. "Para maior parte dos alunos, o horizonte é muito curto. O futuro deles morre aqui perto. No entanto, o que falta é oportunidade. A escola tem que ser uma lente de aumento", observa Jeferson.

O professor emérito da Faculdade de Educação da UFMG, Miguel Arroyo, diz que a função do professor vai mesmo além da grade curricular. "É preciso ter sensibilidade com os educandos. Não só ensinar a ler, escrever e contar, mas também desenvolver sua afetividade, sua memória, seus sentimentos, sua identidade, na sua diversidade."



DEPREDAÇÃO: em Belo Horizonte, só fachada de colégio no Bairro Pirajá pôde ser fotografada.

Situação no interior do prédio é ainda mais grave, mas direção não permitiu imagens

WILSON AVELAR



Violência em escola **expulsa** professores da sala de aula

O banheiro da sala dos professores da Escola Estadual Professora Maria Amélia Guimarães, na região Nordeste de Belo Horizonte, é o lugar predileto das alunas do colégio, porque lá as meninas realizam o sonho de olhar-se no espelho. Longe desse ambiente, a imagem refletida é de depredação. A quadra de esportes afasta os 1.800 alunos do colégio por ser um local onde só restam ferros e o piso. Próximo a ela, um imenso galpão abandonado poderia sediar o auditório que a escola não tem. Sem refeitório, os alunos merendam em pé, somando constrangimentos provocados pela falta de infraestrutura do prédio onde estudam. A reforma dos banheiros, em andamento durante a visita da equipe de reportagem, e a verba governamental liberada para a construção do refeitório, recuperação da quadra, implantação de sala de vídeo, do laboratório de ciências e do passeio em volta da instituição deverão resgatar um pouco da dignidade perdida. No entanto, diante do atual cenário, não é difícil entender porque alunos e os próprios professores não se orgulham da escola.

Para agravar o quadro, o entorno violento

ameaça a rotina do colégio. A droga invade a escola, as agressões adoecem e expulsam os docentes, e a Instituição torna-se um território de medo. Há cerca de um ano, uma espécie de almoxarifado, localizado dentro da sala da direção, foi queimado durante o final de semana, após incêndio criminoso. As chamas destruíram o material de papelaria, livros didáticos e equipamentos esportivos. Em outro episódio violento, um estudante do colégio, de apenas 17 anos, foi assassinado pelo tráfico de drogas dentro de casa, mais um homicídio entre outros que se somam às frias estatísticas do país.

De acordo com o relatório "Mortes matadas por armas de fogo no Brasil", publicado pela Unesco, em 2005, das 550 mil mortes por armas de fogo ocorridas no país entre 1979 e 2003, 205.722, isto é, 44,1% das vítimas eram pessoas jovens entre 15 e 24 anos. Os dados indicam que, proporcionalmente, morrem mais de o dobro de jovens do que nas outras faixas etárias. Se na população total o número de vítimas por armas de fogo cresceu 461,8%, entre a população juvenil o crescimento foi de 640,3%.

"Percebo que nós, educadores, temos que nos preparar para receber esses alunos, mas como vamos lidar com isso? Para mudar os alunos, é preciso mudar as famílias e esse é um trabalho a longo prazo", diz a diretora que prefere ter o nome mantido em sigilo. Na tentativa de minimizar os conflitos, ela busca aproximar o colégio das lideranças de bairro como "Seu" Juarez, 69 anos. Respeitado em toda região, o diretor de assuntos comunitários do Conselho Comunitário de Segurança Pública é uma presença quase diária na instituição onde tem dois netos matriculados.

Formado pela escola da vida, como gosta de dizer o homem que tem apenas o segundo ano do ensino fundamental, Juarez aposta na mobilização social para garantir o futuro da educação. "A mobilização coletiva é a saída para o combate a violência. Não adianta fazer prisões e não dar condição para que as pessoas vivam com dignidade. A escola pode evitar que o indivíduo tenha uma vida de crimes, mas precisa de apoio. Nós tentamos fazer isso, porque não podemos esperar as soluções caírem do céu."

Desmotivação é sintoma de **Síndrome de Bournout**

Embora a Escola Estadual Professora Maria Amélia Guimarães faça parte do projeto Escola Viva Comunidade Ativa, que visa tornar escolas públicas melhor preparadas para atender às necessidades educacionais das crianças e jovens mais afetados pelos fenômenos da violência e da exclusão social, as agressões permanecem no interior do colégio e têm impacto direto sobre a saúde dos educadores. O professor de matemática, Arthur Blanck, 62 anos, confessa que sua autoestima está abalada. "Estou em estado de depressão, pois me sinto humilhado em sala de aula pela grosseria dos alunos. Hoje é defeito ser um professor educado,

pedir por favor. Admito que tenho dificuldade em dar uma aula lúdica e me angustio pelo fato de não conseguir passar para eles o que é preciso. Mas já tive que aprovar alunos que não sabiam nada", comenta com sinceridade desconcertante.

Colega de Arthur, a professora de Ciências, I., 50 anos, está fora da sala de aula desde o dia 5 de agosto, quando levou um soco no rosto desferido por uma aluna de 18 anos do período noturno. No momento da agressão, o irmão da jovem disse para os colegas: "vamos matá-la", apontando para a professora. O episódio, que mobilizou a polícia, foi a gota d'água na conflituosa re-

lação entre a estudante e a educadora. A adolescente já havia insultado I. antes, em função de ter recebido dela recuperação por infrequência, mas a violência física contra a professora teve efeitos drásticos em sua vida profissional e familiar. "Eu tinha projetos nessa escola, mas é como se todos os meus sonhos tivessem sido interrompidos. A escola também me tratou como se eu não fosse nada. Hoje, faço tratamento psiquiátrico e só durmo com remédio controlado. Depois de 28 anos de trabalho na rede estadual, meu amor pela educação foi abalado. Isso afetou inclusive minha família. Deixei de ser alegre como antes", chora.

Problema se alastra entre docentes da rede pública mineira

A sensação de desmotivação em relação ao trabalho, vivida por I., acompanha muitos professores que estão dentro da sala de aula. Trata-se da Síndrome de Burnout, definida por alguns autores como uma das consequências mais marcantes do estresse profissional. Ela se caracteriza por exaustão emocional, avaliação negativa de si mesmo e depressão. O termo Burnout, combustão em inglês, sugere que a pessoa com esse tipo de estresse consome-se física e emocionalmente. Sintomaticamente, a síndrome é reconhecida pela ausência de alguns fatores motivacionais como energia, alegria, entusiasmo, satisfação, interesse, vontade, sonhos para a vida, concentração, autoconfiança e humor. Nos professores, o problema tem estreita relação com as condições desmotivadoras no trabalho, o que afeta, na maioria dos casos, o desempenho do profissional, levando, inclusive, ao abandono do emprego. A síndrome, que se alastra entre as escolas públicas, ainda merece pouca atenção das secretarias de educação do país.

Professor emérito da Faculdade de Educação da UFMG, Miguel Arroyo, relaciona o adoecimento dos professores ao excesso de trabalho. "Alguns professores saem de



VÍTIMA DE AGRESSÃO: professora de Ciências está fora da escola desde agosto de 2008, quando levou soco de aluna

casa às 6h e voltam às 23h, por isso adoecem. É preciso que tenham melhor remuneração e menos horas de aula. Sou a favor de que o educador não seja pago por hora/aula, mas por dedicação exclusiva a escola. Desta forma, ele também criaria um vínculo com a comunidade escolar. O excesso de trabalho acontece também em função da infância que a sociedade entrega para a escola, uma infância sem horizonte", analisa.

O educador, no entanto, mostra-se preocupado em relação ao domínio do medo pela escola. "A escola está dominada pelo medo, assim como a sociedade. Hoje em dia, a infância, adolescência e juventude popular são consideradas, em princípio, violentas e ameaçadoras. Estamos num momento de medo da infância, e quando uma sociedade tem medo da infância é porque já chegou à barbárie", alerta.

"Estamos num momento de medo da infância, e quando uma sociedade tem medo da infância é porque já chegou à barbárie"

Miguel Arroyo, professor emérito da Faculdade de Educação da UFMG

Para jovens, **carreira** não é atrativa

O desinteresse pelo magistério tem esvaziado as salas de aula. Em 2007, o Governo federal divulgou relatório sobre a escassez de professores na educação básica, o que levou o Ministério da Educação a admitir a necessidade de adotar um plano emergencial para reverter o déficit de 710 mil docentes em todo o território nacional. Os números do documento são alarmantes, porque mostram que algumas disciplinas, como matemática, formaram, em dez anos, a metade dos professores necessária para cobrir a demanda nacional. De 1999 a 2001, por exemplo, foram licenciados em todo o país apenas 55.334 professores de matemática, enquanto a carência de docentes da matéria chega a 106.634.

Para o pró-reitor de graduação da UFJF, Eduardo Magrone, a desistência nos cursos de licenciatura não pode ser explicada por um único fator, mas por questões que vão desde a pouca atratividade na carreira do magistério nos níveis fundamental e médio, até a falta de preparo dos alunos pelas universidades brasileiras para ingressar no mercado de trabalho. Segundo Magrone, o fator salarial e o pouco reconhecimento social da carreira, que contrastam com a expansão não planejada da educação básica, pesam na decisão do jovem

de optar por uma profissão mais rentável. "O professor e a escola estão sobrecarregados. Antes, o docente era alguém preparado para ensinar, hoje ele também tem que ser conselheiro, psicólogo, assistente social. Assim como ele, a escola está saturada de funções. O que se observa é que o ensino está sendo deslocado do centro da atividade escolar. A imagem social da escola pública está muito alterada."

O pró-reitor, no entanto, reconhece a responsabilidade das universidades nesse quadro de desinteresse dos alunos pela licenciatura. Segundo ele, o atual modelo das instituições de ensino superior é o de uma reunião de escolas profissionalizantes, as quais não permitem ao aluno mobilidade e nem um período de maturação intelectual. "O estudante entra para a universidade sem a menor noção do que realmente quer, tendo que decidir, aos 17 anos, o que vai fazer depois dos 40. Além disso, o modelo é engessado e tira a visibilidade das opções que o aluno pode ter."

Magrone diz, ainda, que o problema do ensino brasileiro começa na formação do professor e termina na sala de aula. "Na minha avaliação, as faculdades de educação ainda estão muito distantes da realidade da massificação

do ensino na educação básica, cujo acesso não foi acompanhado de um planejamento que garantisse condições mínimas de trabalho. Muitos professores esbarram no limite da realidade das escolas e na desvalorização da figura do docente. É um ciclo vicioso que precisa ser transformado em ciclo virtuoso."

Edineia Rodrigues Ribeiro, 26 anos, professora de educação básica na Escola Estadual Nossa Senhora da Guia, em Capitão Enéas, Norte de Minas, confirma que, quando voltou a sala de aula para ensinar, encontrou uma realidade bem diferente da que conhecia como aluna. "Quando comecei a lecionar, senti um choque entre a teoria e a realidade. Apesar de acreditar no poder da educação, não consegui colocar em prática muitos projetos. Imagine o que é levantar às 5h, viajar 64 quilômetros por dia para lecionar, ver a vida passar por um fio e não ser valorizado? Hoje, após quatro anos de graduação e um ano de pós, ganho menos que profissões que exigem apenas o ensino fundamental e não tenho nenhuma ajuda de custo para dar aula em outro município. Me considero uma pessoa preparada para a profissão que escolhi, mas não sei até quando vou remar contra a maré", desabafa.

"Quando comecei a lecionar, senti um choque entre a teoria e a realidade. Não consegui colocar em prática muitos projetos"

Edineia Rodrigues Ribeiro, professora de educação básica no Norte de Minas

Avaliação de professores deverá ser adotada em Minas

Na tentativa de diagnosticar a causa do déficit de aprendizagem dos alunos, o Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) propôs a aplicação de provas para medir a qualidade dos profissionais do ensino básico da rede pública. Minas Gerais deverá ser o primeiro estado brasileiro a aderir à aplicação dos testes, mas a adoção do exame de certificação do professor é polêmica. Para a Secretaria de Estado da Educação, com o certificado, o professor será reconhecido pelo domínio de seu ofício, já que o exame poderá mostrar quem, na prática, tem conhecimento e bom desempenho. Para os professores, no entanto, a avaliação não leva em conta as condições de trabalho, a infraestrutura das escolas, além de o capital social e cultural dos alunos.

Maria Lúcia de Souza Moura, 48 anos, professora da fase introdutória da Escola Estadual Dona Diva de Oliveira, em Divinópolis, considera a avaliação subjetiva. "Ela não é capaz de medir a assiduidade do professor e nem o compromisso que tem com o ensino. Hoje estamos sem apoio e pressionados, como se fôssemos responsáveis por tudo. Os educadores precisam ser ouvidos, e os valores sociais resgatados." Luiza Clarinda Medeiros, 51 anos, professora de primeira a quarta série da Escola Estadual Doutor Maurício Oscar Porto, em Janaúba, concorda. "Não é só o professor que deve ser avaliado, mas os pais e toda a sociedade. Será que só a escola tem culpa? Estamos carregando uma carga de toda a sociedade. A escola reflete a família. Os recursos disponíveis são escassos

para atender tantos problemas."

Solange Meireles Ruas, 50 anos, vice-diretora da Escola Estadual Secundino Tavares, em Montes Claros, diz que as responsabilidades precisam ser divididas. "O professor precisa de cobrança, sim, mas também de estímulo. O aluno culpa o professor pelos maus resultados, o professor culpa o serviço pedagógico, que culpa a direção, que culpa a Secretaria de Educação. Cada um tem a sua responsabilidade. É preciso criar condições para garantir o sucesso da aprendizagem", afirma.

A Secretaria de Estado de Educação foi procurada para comentar os assuntos dessa reportagem especial, mas a assessoria de imprensa informou que a titular Vanessa Guimarães Pinto estava sobrecarregada e, por isso, não participaria desta edição.

Estudantes dão **nota baixa** para as escolas

As escolas ainda estão muito distantes do interesse do aluno. Isso é o que mostra o resultado do questionário aplicado pela equipe de reportagem junto a 117 estudantes do Norte, Centro-Oeste e Sul mineiro. Do total, 90% dos alunos responderam que estão insatisfeitos com o lugar que estudam. Destes, 20,5% disseram que sua escola não é interessante e 69,3% afirmaram que ela pode melhorar. Somente 12 estudantes, entre os 117 do universo pesquisado, consideraram que a Instituição de ensino que frequentam atende aos seus anseios.

Outro dado impressionante diz respeito à nota que os alunos dariam para sua escola em relação aos atrativos que ela oferece, como atividades extracurriculares, projetos, uso pedagógico do computador, entre outros itens. Oitenta e quatro alunos, o correspondente a 72%, atribuíram pontuação inferior a cinco. Outros 21,2% foram ainda mais duros e deram ao colégio a nota zero. "A escola seria mais interessante, se tivesse um ambiente mais atrativo, que chamasse mais atenção, a fim de que o aluno possa sentir vontade de estudar", considerou um estudante do terceiro ano do ensino fundamental da Escola Estadual Norte Mineira, no Norte de Minas. Outra aluna da mesma sala diz que faltam aulas práticas, acesso a internet, salas amplas, equipamentos, arte, teatro, música, quadra,

biblioteca e até refeitório. Quanto aos conteúdos que os estudantes gostariam de ter acesso, um adolescente respondeu: "Aos que as escolas modelo possuem."

Na Escola Estadual Antônio da Costa Pereira, em Divinópolis, a turma da oitava série do ensino fundamental sonha com uma "escola mais bonita e confortável, que permita aos alunos mexer nos computadores, ter mesas com cadeiras na cantina e melhorar as áreas de estudo." No Sul de Minas, alunos do ensino fundamental e médio da Escola Estadual Rui Barbosa pedem "um bom método de estudo, mais investimento em cultura, aulas mais interessantes, mais incentivo, além de uma reforma no prédio."

O psicopedagogo Celso Antunes considerou o resultado preocupante por considerar que a reclamação dos jovens é muito significativa no processo de aprendizagem. Apesar do descompasso entre a realidade e o que eles desejam, 91,4% dos alunos ainda consideram a escola muito importante para garantir o futuro. "Só há um setor social onde a ascensão dispensa a escola: o crime. A escola, como nós a concebemos, é ferramenta crucial para todo processo de aprendizagem. E o aluno sabe que não há outro caminho. A escola é um porto seguro", analisa Celso Antunes.

42% dos pais só visitam colégios uma vez ao ano

Outra constatação da pesquisa é a distância que as famílias estão das instituições de ensino e, como consequência, dos próprios filhos. Dos 117 alunos que participaram da pesquisa, 42% informaram que os pais só visitam a escola uma vez ao ano, o maior percentual entre os períodos pesquisados. Outros 35% disseram que eles só vão ao colégio uma vez ao mês e quase 8% dos alunos revelaram que os familiares nunca estiveram na instituição na qual estão matriculados. Para Raíssa Helena Gonçalves Mori, 15 anos, aluna do ensino médio da Escola Estadual Rui Barbosa, localizada em Campestre, Região Sul, falta incentivo para que as famílias se aproximem. "As escolas nunca incentivam os pais a virem quando a gente faz algo certo. Eles só são chamados, quando fazemos algo de errado", critica.

Celso Antunes diz que a observação da estudante faz sentido. "Quantas vezes ao ano, vamos a um lugar que consideramos chato? A escola precisa saber se fazer atraente, a fim de que o pai saiba que não foi chamado para receber reclamações do filho. Uma boa forma de atrair não só as famílias, mas a comunidade, é mantê-la aberta nos finais de semana", sugere.

A baixa escolaridade dos pais pode contribuir com a distância que se estabelece entre eles e a escola dos filhos. A pesquisa mostrou que a maioria das famílias tem apenas o ensino fundamental incompleto, 48% do total. Outros 9,4% são analfabetos. Somente 13 pais, dos 117 pesquisados, possuem nível superior completo. A amostra corresponde com a avaliação feita pela escola de Campestre. No colégio com 1.200 alunos, 60% dos pais têm apenas a quarta série do ensino fundamental e somente 10% têm ensino médio. O nível socio-cultural também define o perfil econômico das famílias. Quase 35% estão desempregadas ou realizam bicos para sobreviver. A baixa renda, no entanto, não pode ser justificativa para o abandono emocional dos filhos. "Existem pais e mães que geram seus filhos biologicamente, mas não os adotam como seus educandos. Ou seja, por ausência, desinteresse ou incapacidade, acabam relegando-os a uma orfandade pedagógica. Quando falo em capacidade dos pais, mais do que conhecimentos de natureza intelectual, estou me referindo à qualidade da sua relação com os filhos e ao seu compromisso com atitudes favoráveis à promoção de seu sucesso escolar", afirma o pedagogo Antônio Carlos Gomes da Costa.



O que os alunos pensam das escolas

117 estudantes do ensino fundamental e médio participaram da **pesquisa** por amostragem:

O que tornaria a escola mais interessante:

Itens mais citados:

- ☒ Reforma da escola e ensino mais desenvolvido
- ☒ Ambiente atrativo para que os alunos sintam vontade de estudar
- ☒ Aulas menos monótonas
- ☒ Uso pedagógico do computador
- ☒ Quadra de esportes
- ☒ Biblioteca
- ☒ Acesso à internet
- ☒ Lazer
- ☒ Mais investimento em cultura



Como você pode contribuir com esse processo de melhoria?

- ☒ Preservando o mobiliário
- ☒ Relvindicando
- ☒ Participando
- ☒ Tendo ética

Importância do estudo



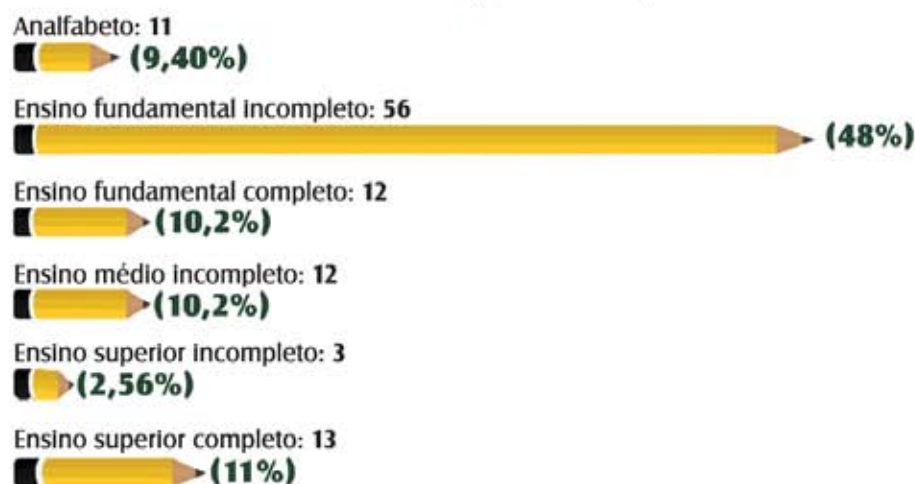
O que falta na escola?

- ☒ Aulas práticas
- ☒ Ensino de qualidade
- ☒ Acesso aos computadores
- ☒ Produto de higiene para uso dos banheiros
- ☒ Projetos interessantes
- ☒ Refeitório com mesas e cadeiras
- ☒ Salas amplas
- ☒ Segurança
- ☒ Regras
- ☒ Boa comunicação entre professores e alunos
- ☒ Material pedagógico
- ☒ Infraestrutura

A quais conteúdos curriculares e extracurriculares gostaria de ter acesso?

- ☒ Aos que as escolas modelo possuem
- ☒ Laboratório de química
- ☒ Teatro
- ☒ Arte
- ☒ Música

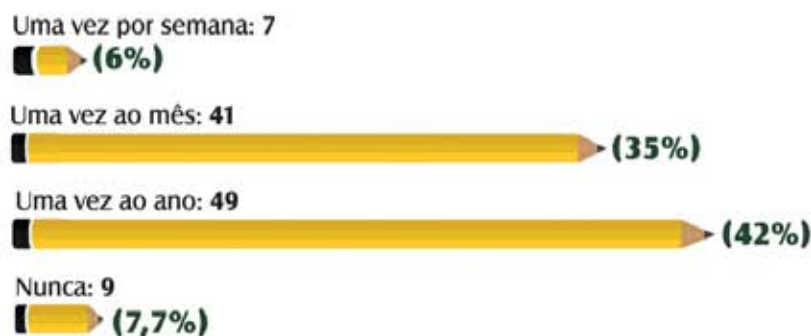
Grau de instrução dos pais:



O que você espera da sua escola?

- ☒ Que se torne um ambiente de prazer e conhecimento
- ☒ Formação para um futuro melhor
- ☒ Educação de qualidade
- ☒ Mudanças
- ☒ Que um dia ela seja um lugar de orgulho
- ☒ Que os alunos saiam sabendo

Quantas vezes visitou a escola do filho?



Sugestões para torná-la melhor:

- ☒ Trabalho em conjunto
- ☒ Mais verba
- ☒ Projetos e Incentivo
- ☒ Melhoria das áreas de estudo
- ☒ Que os alunos sejam ouvidos, e os pais sejam convidados a participar da aprendizagem dos filhos

Entrevista

Antônio Carlos Gomes da Costa

O pedagogo Antônio Carlos Gomes da Costa, um dos redatores do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), é atual conselheiro pedagógico do Instituto de Governança Social do Estado de Minas Gerais. Nessa entrevista exclusiva, ele comenta a realidade identificada na rede pública mineira e diz que o direito à educação é muito mais do que vaga na escola.

“Mais do que tratar todas as escolas de modo igual, é preciso tratar de modo diferente as escolas diferentes, priorizando aquelas cujas condições de funcionamento se encontram abaixo do aceitável”

1 A partir da visita a 15 escolas estaduais e realização de 200 entrevistas, em novembro de 2008, constatamos que o sistema educacional mineiro é marcado por profundos contrastes. No Norte de Minas, por exemplo, há salas de aula sem paredes, funcionando em pátios, enquanto no Centro-Oeste há escolas com sala de cinema e até academia de ginástica. No Sul de Minas, alunos do ensino fundamental estudam em galpão batizado de palol pelas turmas. De que maneira a infraestrutura interfere na aprendizagem do aluno?

Antônio Carlos Gomes da Costa: - O número visitado de escolas (15 unidades) e o número de entrevistas realizadas (200), objeto da reportagem especial, nos permitem perceber a existência de contrastes na educação mineira. É preciso, em primeiro lugar, qualificar as desigualdades. Elas são de natureza econômica, social e regional. A matéria, de natureza quantitativa, nos dá a ver os dois extremos da fita métrica utilizada para aquilatar a qualidade do ensino em Minas Gerais. Do ponto de vista da lógica dos grandes números (visão macro), devemos nos basear nas avaliações externas e ter como base o que está ocorrendo na média das escolas públicas. Desde o Governo Fernando Henrique, numa modalidade de política

seguida também pela política educacional do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, pelos ministros Paulo Renato e Fernando Haddad, o Estado brasileiro vem avaliando a qualidade do ensino pela aferição do desempenho dos educandos, mostrando que “a escola só é boa quando o aluno aprende”, por isso, é preciso “por as escolas para fazer prova”, ou seja, não apenas aplicar provas nos que a frequentam. Evidenciar os contrastes é importante. Em termos de política pública, no entanto, é preciso avaliar a posição do Estado de Minas Gerais em relação a outras unidades federadas. Neste caso, o objeto da avaliação torna-se a média das escolas e não as extremidades da fita métrica. Não podemos e nem devemos fazer vista grossa para a realidade apontada, porém, é importante não perdermos de vista a tendência geral dos sistemas estadual e municipais de ensino. O quadro apresentado aponta que, a noção de equidade social pressupõe e requer que, mais do que tratar todas as escolas de modo igual, é preciso tratar de modo diferente as escolas diferentes, priorizando aquelas cujas condições de funcionamento se encontram abaixo do aceitável.

2 Recente pesquisa realizada pela Fundação Itaú Social afirma que o contexto familiar é responsável por 70% do desem-



penho escolar. Os 30% restantes seriam de competência da escola e de sua interferência positiva ou negativa. Qual é o atual papel da escola?

ACGC - Para responder a essa pergunta, em primeiro lugar, é necessário estabelecermos os critérios nos quais deveremos nos basear para respondê-la. Onde estão estes critérios? Se quisermos abordar de forma objetiva a questão, devemos atentar para o que está disposto nos artigos 12, 13 e 14 da Lei 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). Ali estão elencados os deveres do estabelecimento de ensino, dos docentes e os requisitos para a implantação da gestão democrática das escolas. O papel da escola deve ser o de coordenar e integrar os esforços da família, dela própria e da comunidade, com o objetivo superior e comum de que os seus educandos tenham sucesso na sala de aula e na vida. Os três artigos mencionados deixam claro a importância do trinômio família-escola-comunidade, para que este resultado possa ser alcançado. Como se vê, esta não é uma opinião pessoal minha. Trata-se, antes, de uma disposição legal que, se aplicada, poderia contribuir para um salto qualitativo na gestão das unidades escolares no que diz respeito à sua interação com o seu entorno familiar e comunitário. Se atuarem de forma convergente, intercomplementar e sinérgica, esses três atores fundamentais obterão uma soma total muito maior do que o montante representado pelas parcelas consideradas em si mesmas.

3 Como a gestão escolar interfere no desempenho dos alunos?

ACGC - Para exercer uma influência deliberada (planejada) e construtiva sobre o desempenho de seus educandos, a escola deve passar por um amplo e profundo reordenamento institucional. Tal reordenamento, implica em três tipos de mudanças: mudanças de conteúdo,

mudanças de método e mudanças de gestão. Como se vê, trata-se de um salto triplo. As mudanças de conteúdo respondem acerca do que é preciso ensinar. As mudanças de método devem dar conta da indagação acerca do como ensinar. E, finalmente, às mudanças de gestão cabem definir o modo de como a comunidade educativa deve ser estruturada para responder ao desafio de assegurar o ingresso, o regresso, a permanência e o sucesso de todos os seus educandos, como já dissemos na sala de aula e na vida.

Costumo dizer que o direito à educação é muito mais do que vaga na escola. A qualidade da gestão administrativa e pedagógica é condição sine qua non para que as mudanças de conteúdo e de método sejam implantadas com a qualidade requerida pelos desafios que a história nos coloca. Mais do que uma "época de crises, estamos vivendo a crise de uma época". A globalização dos mercados, o ingresso na Era do Conhecimento e o fim da Guerra Fria apontam para a inarredável e urgente construção de um modelo de gestão de tipo novo para nossas escolas. Um modelo que lhes permita "dar certo, fazendo certo o que é o certo". Isso implica em eficiência (fazer certo), eficácia (o que é o certo) e efetividade (dar certo). Se isto não ocorrer, os sistemas de ensino estarão condenados a funcionar como "polvos com disritmia". Isto é, cada braço funcionando por si mesmo sem saber o que os demais estão fazendo.

4 E qual é o papel da família? Pesquisa realizada pela equipe de reportagem com 117 alunos de três regiões do estado apontou que muitos pais só têm contato com o colégio dos filhos uma vez ao ano.

ACGC - Escrevi um livro sobre as relações escola-família-comunidade, no qual defendo o uso da expressão educadores familiares no lugar de pais. Qual a razão dessa atitude? Observando na prática o dia-a-dia de uma grande escola pública, constatei que uma boa parte dos pais

não são educadores familiares e, uma boa parte dos educadores familiares não são pais. Ser pai ou mãe é uma condição biológica. Ser um educador familiar é uma opção de vida. Uma especialista em direitos da criança afirmou que todos os filhos criados e educados por suas famílias, ou por família substituta são, na verdade, filhos adotivos. Existem pais e mães que geram seus filhos biologicamente, mas não os adotam como seus educandos. Ou seja, por ausência, desinteresse ou incapacidade, acabam relegando-os a uma orfandade pedagógica. Quando falo em capacidade dos pais, mais do que conhecimentos de natureza intelectual, estou me referindo à qualidade da sua relação com os filhos e ao seu compromisso com atitudes favoráveis à promoção de seu sucesso escolar. Desejar todos os dias que a criança tenha sucesso na escola, perguntar-lhe sobre o que aprendeu ou não conseguiu aprender



Divulgação

“A qualidade da gestão administrativa e pedagógica é condição sine qua non para que as mudanças de conteúdo e de método sejam implantadas com a qualidade requerida pelos desafios que a história nos coloca”

naquele dia, acompanhar o cumprimento dos deveres escolares e os cadernos dos filhos, fazer-se presente na vida da escola, elogiar todos os progressos, por menor que seja, obtidos pela criança ou pelo adolescente e mencioná-los sempre que possível para parentes e amigos da família na presença da criança ou adolescente. Esses são gestos que, independente do grau de escolaridade, podem ser adotados pelos educadores familiares. É ainda fundamental que os pais ou responsáveis adotem sempre uma atitude de solidariedade e

res, significados e sentidos da existência humana). As práticas esportivas, a arte-educação e a educação para valores ocupam uma posição periférica no conjunto de oportunidades educativas (currículo) oferecidos pelos estabelecimentos de ensino. É preciso mudar isso e, para tanto, faz-se necessário uma política, ainda que gradativa, de ampliação da jornada escolar. Quero deixar claro que o desenvolvimento do logos (razão) é, sem trocadilho, a razão de ser da escola. Isto não significa, entretanto, que as dimensões da corporeida-

promovendo e incentivando a sua atuação como parte da solução e não como parte dos problemas da comunidade educativa. Vê-los como meros recipientes passivos de conhecimentos, valores, atitudes e habilidades não é o melhor caminho. A adoção do protagonismo juvenil nas escolas deve dar-se por três caminhos que Dom Bosco, no Século XIX, já nos apontava: a docência (sala de aula), as práticas e vivências (atividades extra-classe) e a presença educativa (relação de qualidade entre educadores e educandos). Como se vê,

“A educação vem sendo um território avassalado por uma série interminável de modismos pedagógicos, sem maiores consequências para a melhoria efetiva da qualidade do ensino”

cooperação com os educadores escolares. E, nesse caso, a recíproca também é verdadeira.

5 Essa mesma pesquisa revelou que mais de 90% dos alunos ainda consideram a escola muito importante para a conquista de um futuro melhor. No entanto, quase o mesmo percentual de estudantes atribuiu, numa escala de zero a dez, nota inferior a cinco para sua escola em relação aos atrativos que ela oferece, havendo ainda alto índice de notas zero. Porque a escola está tão distante do interesse do aluno?

ACGC - Silvana Contijo, uma jornalista especializada em mídia educação, costuma dizer que a escola está “perdendo audiência” junto a seu público, os educandos. Porque isso ocorre? A palavra aluno foi forjada nos tempos do Iluminismo e vem do latim “a-lumine”, que significa, literalmente, “sem luz”. As luzes eram consideradas aquilo que hoje chamamos de enteléquias, isto é, conhecimentos intelectuais. Embora tais conhecimentos devam ser o eixo estruturante da vida escolar, não podem e não devem dar as costas para outras dimensões co-constitutivas do ser e do querer-ser dos educandos, como as dimensões da corporeidade (atividades lúdico esportivas), a dimensão da sensibilidade (ensino de arte) e a dimensão da espiritualidade (crenças, valo-

de (Eros), da sensibilidade (Pathos) e da espiritualidade (Myto) devam ser ignoradas de forma sistemática. Além da interdisciplinaridade, a escola necessita de um enfoque mais balanceado, que dê espaço para a prática da interdimensionalidade. Se isso não for feito, a tendência da audiência é continuar caindo.

6 No item da pesquisa sobre o que o aluno poderia fazer para mudar a sua escola, muitos não souberam responder. Como estimular o protagonismo juvenil?

ACGC - Crianças e adolescentes são duas “condições peculiares de desenvolvimento” com características e necessidades diferenciadas. As crianças são, por natureza, mais heterônomas, enquanto os adolescentes tendem a ser mais autônomos. A expressão protagonismo juvenil, introduzida por mim no debate pedagógico brasileiro, por meio de um livro com este mesmo nome, designa um tipo de abordagem educativa aplicável a adolescentes e jovens mais do que às crianças na primeira e segunda infância. Em relação à população infantil, o que se deve fazer é utilizar métodos ativos no processo aprendizagem-ensino. Já em relação aos adolescentes e jovens, devemos encará-los como fontes de iniciativa (ação), liberdade (opção) e compromisso (responsabilidade),



o protagonismo juvenil não é um modismo, mas algo com raízes profundas na história da educação na modernidade.

7 Apesar de todas as escolas visitadas contarem com laboratórios de informática e micros de última geração, eles ainda são figurantes no cenário escolar. Por falta de conhecimento dos professores e alegação de necessidade de preservação do patrimônio da escola, o uso pedagógico do computador ainda não é uma realidade. O que o senhor pensa sobre isso?

ACGC - As Tecnologias da Comunicação e Informação são recebidas por nossas escolas de três maneiras. A primeira é vê-las como um recurso didático a mais, colocado a serviço do modo tradicional de educar. A segunda consiste em tratá-las como "um estranho no ninho", ou seja, como uma atividade a parte, um corpo estranho que o mundo pós-industrial impôs às escolas, levando-as a percebê-las como uma Intromissão Indevida do futuro num presente para o qual os educadores não foram preparados para lidar no dia-a-dia de seu trabalho. O terceiro, que é aquele que defendemos, é que a introdução da informática nas escolas traz como exigência uma mudança nas concepções sustentadoras do projeto

8 Durante a viagem, encontramos muitas situações adversas e o mesmo sonho dos alunos: que a escola possa melhorar no sentido de despertar o prazer de estudar. Como o professor pode superar a precariedade da rede física e tocar o estudante?

ACGC - A educação vem sendo um território avassalado por uma série interminável de modismos pedagógicos que se sucedem uns aos outros sem maiores consequências para a melhoria efetiva da qualidade do ensino. Os resultados das avaliações externas demonstram isso de maneira mais do que clara. Ao contrário do que se possa depreender da minha resposta às perguntas anteriores, não sou um adversário ferrenho da educação tradicional. Ao contrário, penso que há sempre uma dose de passado que deve e merece ser incorporada na experiência que progride no presente em direção ao futuro. Por exemplo, sou frontalmente contrário às chamadas pedagogias não diretivas, que acabaram contribuindo para a criação de um clima de anomia, permissividade e tolerância ao intolerável em muitas de nossas escolas. A relação educador-educando não é uma relação horizontal. Isto quer dizer, com todas as letras, que a escola não pode e não deve abandonar os princípios da disciplina e da hierarquia. Com isto, não estou defenden-

banidos do debate educacional de vanguarda que, por isso, se transformou numa guarda vã. Minha posição ante a educação tradicional é

DOUGLASS



“O educador não pode e não deve abrir mão de ser o pólo direcionador da ação educativa. Ele precisa atuar como um líder, um organizador, um cocriador de acontecimentos junto com seus educandos”

pedagógico. É necessário repensarmos questões de fundo como: que tipo de jovem queremos formar para o mundo globalizado, a sociedade pós industrial e o ambiente político pós Guerra Fria? Que tipo de sociedade, para cuja construção, queremos contribuir formando esse tipo de jovem? O que devemos mudar em nossas maneiras de conceber e lidar com o conhecimento frente a essa nova realidade? A resposta a tais questões exige projetos pedagógicos de tipo novo. Não é possível colocar a modernidade tecnológica a serviço do atraso pedagógico.

do o autoritarismo. Minha posição é a de que devemos adotar uma diretividade democrática, que implique no direito de ter direitos e no dever de ter deveres, colocado acima de todos os integrantes da comunidade escolar por meio de dois instrumentos: o Regimento Interno e o Projeto Pedagógico. O educador não pode e não deve abrir mão de ser o pólo direcionador da ação educativa. Ele precisa atuar como um líder, um organizador, um cocriador de acontecimentos junto com seus educandos. Temas como disciplina, punições, critérios de convivência na relação educador/educando foram

a de que devemos superá-la e não simplesmente negá-la e jogá-la no lixo da história. Nem sempre o novo é o mais recente. Muitos educadores têm sido vítimas dessa confusão. Finalmente, é preciso deixar claro que a estruturação de uma comunidade educativa deve passar por três construções. A construção de um projeto pedagógico. A construção de um equipamento físico e de condições materiais para tirar esse projeto do papel e trazê-lo à prática. E, terceiro, a construção de uma equipe de educadores capacitada e comprometida com a proposta adotada. Uma equipe capaz

de compreender, aceitar e praticar o que foi pactuado no projeto pedagógico. Sem isso, as inovações educacionais continuarão a ser apenas temas de capacitações, congressos e seminários.

9 Por que muitos docentes estão adoecendo e abandonando as salas de aula?

ACGC - Assisti, já faz algum tempo, um filme chamado Para o Dia Nascer Feliz. Ele trata da situação do Ensino Médio no Brasil do ponto de vista de educadores e educandos. Condições físicas totalmente inadequadas em muitos "estabelecimentos de ensino", professores ausentes ou despreparados. Anomia e permissividade na sala de aula e fora dela, violência física

buem para criar um modelo excludente de educação?

ACGC - As escolas de referência não podem e não devem ser como uma "flor na lapela" dos sistemas de ensino, usadas para serem visitadas, filmadas, fotografadas, publicadas em revistas e apresentadas em congressos. A exceção, que se perpetua como exceção, é doença em sua essência. A exceção sadia é aquela que tem vocação para virar regra. As chamadas escolas de referência ou escolas experimentais devem exercer uma influência construtiva e duradoura sobre as demais escolas da rede de que fazem parte. Elas devem funcionar como exemplos de mudança em conteúdo, método e gestão, produzindo materiais didáticos e autodidáticos

povo-nação, olhar com esperanças para o futuro; e competência técnica, sem a qual a ética e a política não passarão de discursos bem intencionados.

12 Qual é a escola que devemos ajudar a construir?

ACGC - A escola para cuja construção devemos todos estar comprometidos deverá ser aquela capaz de conduzir o Brasil à sua destinação superior, que é ser um país economicamente próspero, socialmente justo, politicamente democrático, cultura e etnicamente diverso e ambientalmente sustentável. É impossível pensar um projeto de educação sem pensar, antes, um projeto de nação.

"A mudança do quadro não é uma corrida de cem metros rasos. Trata-se de uma maratona. Quatro ou oito anos de governo podem e devem permitir a implantação de mudanças irreversíveis em determinadas direções"

e simbólica, professores moral, psicológica, profissional e até mesmos fisicamente violentados em sua integridade como pessoas, cidadãos e profissionais. Este quadro varia nas ênfases a cada um desses fatores de região para região, de escola para escola e de comunidade para comunidade. O pano de fundo, porém, apesar das diferenças sócioeconômicas, mantém algumas características comuns, que refletem equívocos político-pedagógicos de base, que foram se acumulando ao longo do Século XX e que nos impedem, hoje, de entrar de cabeça erguida no Século XXI. A mudança deste quadro não é uma corrida de cem metros rasos. Trata-se de uma maratona. Quatro ou oito anos de governo podem e devem permitir a implantação de mudanças irreversíveis em determinadas direções. Não é realista, porém, pensar numa transfiguração dessa realidade no curto prazo, ou seja, no já e no para ontem. Penso que existem sistemas de ensino que estão no caminho certo, não estão parados, todavia, estão ainda muito longe de chegar lá.

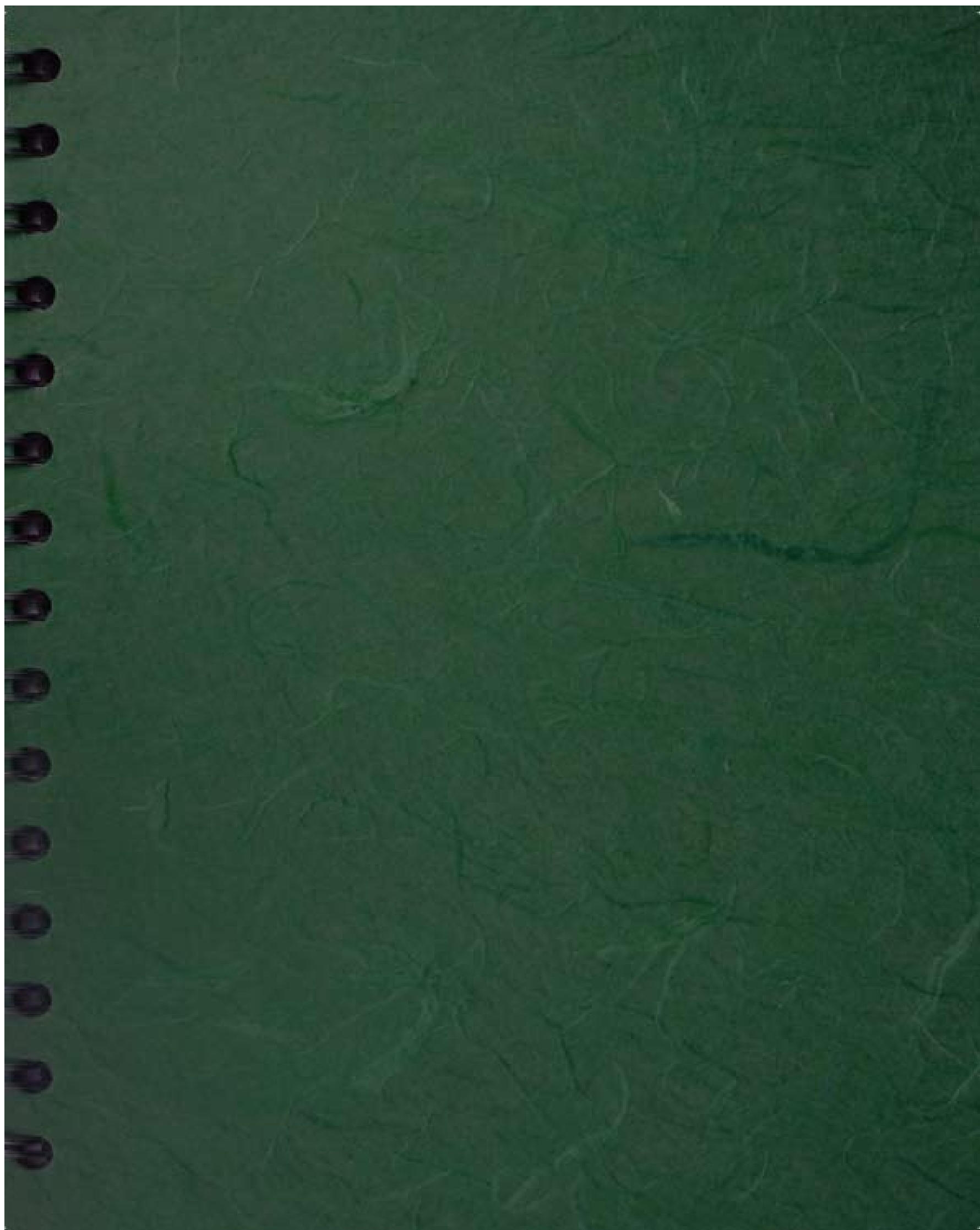
10 O senhor acha que experiências como a escola-referência contri-

para educando e educadores de outras escolas e servindo de residência pedagógica para gestores, docentes e outros profissionais da educação. Só assim, as exceções de hoje poderão ser transformadas nas regras felizes de amanhã.

11 Como resgatar o sentido de público e fazer com que escola, sociedade e família possam interagir?

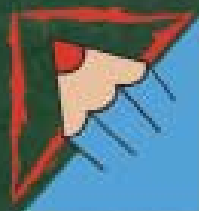
ACGC - Qualquer mudança efetiva na relação escola-família-comunidade passa por um processo de mobilização sócioinstitucional desses três importantes atores da viabilização das novas gerações (crianças, adolescentes e jovens), como pessoas plenas, cidadãos solidários e profissionais competentes. Transitar da escola que temos para a escola que queremos, como ensina Bernardo Toro, é como o povo hebreu atravessando o deserto no rumo da Terra Prometida. Para tanto, três ingredientes são necessários: compromisso ético com a causa da educação de qualidade para todos; vontade política para priorizar educadores e educandos como aqueles que, no presente, poderão criar as condições capazes de nos permitir, como







*Educação pública de qualidade social
Valorização profissional*



Sind-UTE
Sindicato Único dos Trabalhadores
em Educação de Minas Gerais
INCLUINDO A UTE E A SUT

*30 anos
de luta!*

Sind-UTE/MG: Rua Ipiranga, 80 - Floresta - Belo Horizonte - MG - CEP 31.015.180